

vendo e aprendendo

Como usar os vídeos da TV Escola

9

EDUCAÇÃO INDÍGENA

LÍNGUA PORTUGUESA
Oralidade e Ortografia

CONVÍVIO ESCOLAR

TEMAS TRANSVERSAIS

Claudia Rosenberg Aratangy (org.)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
2002

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Presidente da República

Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Educação

Paulo Renato Souza

Secretário de Educação a Distância

Pedro Paulo Poppovic

Secretária de Educação Fundamental

Iara Areias Prado

Secretaria de Educação a Distância

Cadernos da TV Escola

Diretor de Produção e Divulgação

Antônio Augusto Gomes dos Santos Silva

Coordenação Geral

Vera Maria Arantes

Criação e Consultoria Pedagógica

Claudia Rosenberg Aratangy

Projeto e Execução Editorial

Dora Castellar (texto), Prata da Casa (arte) e Evandro Rodrigues (ilustrações)

© 2002 Secretaria de Educação a Distância/MEC

Tiragem: 110 mil exemplares

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou utilizada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sem autorização expressa, solicitada via carta ou fax.

Ministério da Educação

Secretaria de Educação a Distância

Esplanada dos Ministérios, bloco L, sala 100 - CEP 70047-900

Caixa Postal 9659 - CEP 70001-970 - Brasília, DF

Fax: (061) 4109158

e-mail: seed@seed.mec.gov.br

internet: <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vendo e aprendendo : como usar os vídeos da tv escola /
Claudia Rosenberg Aratangy (organizadora). _ Brasília : MEC/SEED, 2002.
84 p. : il. ; (Vendo e Aprendendo, ISSN 1518-9244; nº 9).

1. Educação Indígena. 2. Língua Portuguesa. 3. Convívio Escolar. 4. Temas transversais. 5. Ensino Fundamental. I. Título. II. Secretaria de Educação a Distância.

CDU 37.046.12

Sumário

Educação Indígena

Propostas:

- 1- Luís Donisete Benzi Grupioni
- 2- Antônia Terra

7

Língua Portuguesa: Oralidade e Ortografia

Propostas:

- 1- Eduardo Calil
- 2- Artur Morais

25

Convívio Escolar

Propostas:

- 1- Eliane Mingues
- 2- Ana Rosa Abreu

51

Temas Transversais

Propostas:

- 1- Lídia Rosenberg Aratangy
- 2- Vinicius Ítalo Signorelli

75

Caro professor

Esta nova série de programas **Vendo e Aprendendo** tem como principal objetivo oferecer aos professores do Ensino Fundamental instrumentos que vão facilitar o uso dos vídeos nas reuniões pedagógicas de estudo, planejamento e avaliação, visando a construção e a consolidação do projeto político-pedagógico da escola.

Os programas apresentados pela TV Escola na série **Vendo e Aprendendo** exibem um ou mais vídeos selecionados em torno de um determinado tema. Em seguida, dois especialistas comentam, debatem e aprofundam o que foi exibido, propondo também temas de discussão quando o vídeo for usado em reuniões pedagógicas ou para a reflexão individual do professor.

Os textos destes **Cadernos da TV Escola** complementam essas informações e oferecem sugestões adicionais de atividades, temas, leituras e fontes de pesquisa, além de sistematizar as discussões do programa. O **Caderno** é inseparável do programa de tevê. Por isso, para tirar maior proveito das propostas e conteúdos aqui apresentados, é fundamental ter os programas gravados.

Leve sempre em conta que o programa **Vendo e Aprendendo** oferece apenas sugestões. Você não precisa segui-las ao pé da letra e poderá adequá-las aos seus interesses, ao funcionamento das reuniões pedagógicas e ao seu contexto de trabalho.

Para assistir ao **Vendo e Aprendendo** nas reuniões pedagógicas é importante escolher um coordenador. A diretora da escola, o técnico da secretaria, um orientador pedagógico ou um professor podem fazer este papel, mas é interessante que haja um revezamento entre os participantes.

O coordenador deverá:

- * **Planejar a reunião.** Calcular o tempo disponível e escolher quais os pontos que serão abordados.

- * **Preparar eventuais materiais de apoio**, como cópias de textos deste caderno, trechos dos PCNs, fichas de observação, produção dos alunos ou outros.
- * **Solicitar que os professores** encaminhem atividades ou façam reflexões que serão debatidas nas reuniões, quando for o caso.
- * **Usar e abusar** dos recursos do vídeo – avançar a fita, dar pausas, congelar a imagem e rever trechos interessantes.
- * **Garantir que todos** possam se manifestar e colocar suas idéias, sem que a discussão se distancie de seu foco principal.
- * **Pedir que algum** dos participantes faça uma ata da reunião para ser distribuída na reunião seguinte para que não se perca o que foi discutido.
- * **Criar um clima agradável**, deixando a sala já arrumada, a fita no ponto e um cafezinho fresquinho esperando pelos colegas.

Caso não seja possível organizar os encontros para discussão, o Vendo e Aprendendo – incluindo o caderno e o programa de tevê – pode ser utilizado como guia de estudo e reflexão individual. O ideal, entretanto, é que sua utilização seja feita pela equipe da escola.

Bom trabalho!

Claudia Rosenberg Aratangy (org.)

Educação Indígena

Proposta 1

Luís Donisete Benzi Grupioni

Vídeos utilizados:

Série Índios no Brasil, produzida pela TV Escola/MEC:

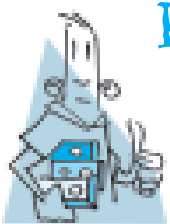
- * Nossas línguas (19'16'')
- * Uma outra história (15'31'')
- * Nossos direitos (17'08'')

Introdução

Os três vídeos apresentam muitas informações sobre os povos indígenas no Brasil. Podem ser úteis para que os professores discutam, entre si e com seus alunos, a visão que temos sobre esses povos e o quanto mais podemos aprender sobre eles. Nos vídeos em pauta, temas como diversidade lingüística e cultural, demografia, localização, história, direitos, organização política, sobrevivência, projetos de futuro e outros estarão em pauta. Além desses conteúdos, os vídeos nos fazem pensar em algumas questões gerais que extrapolam a temática apresentada e nos remetem a outros temas e conceitos importantes de serem trabalhados em sala de aula, além de serem valiosos para nossa formação como professores.

Conteúdos

- * Preconceito
- * Discriminação
- * Diferença
- * Cidadania
- * Tolerância
- * Mudança de atitude
- * Trabalho coletivo
- * Ser sujeito de sua própria história
- * Convivência fraterna.



Preparação

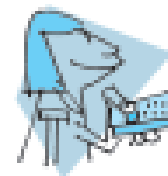
Três vídeos serão apresentados. Sugerimos que eles não sejam vistos numa única rodada e sim separadamente, com atividades antes e depois de cada um.

Para o primeiro vídeo, sobre as línguas indígenas, os professores poderiam anotar em seus cadernos o que pensam e sabem sobre a questão das línguas faladas pelos povos indígenas hoje e no passado. Cada professor também poderia anotar em seu caderno quantas línguas indígenas acredita que eram faladas no Brasil na época da chegada dos portugueses e quantas línguas indígenas são faladas ainda hoje. Façam anotações individuais. E assistam ao vídeo.

Para o segundo vídeo, “Uma outra história”, seria interessante que os professores conversassem sobre como os índios são retratados nos livros didáticos de História, que imagem se apresenta deles na História do Brasil, que tipo de imagem se veicula hoje sobre eles nos meios de comunicação. Discutam coletivamente, de modo rápido, as idéias do grupo, e depois assistam ao vídeo.

Para o terceiro, sobre os direitos dos índios no Brasil, façam novamente um exercício de reflexão individual, anotando em seus

cadernos suas idéias sobre a questão “Que direitos eles têm? Esses direitos são respeitados?”. Façam notas breves e assistam ao vídeo.



Durante a exibição

Acreditamos que não é necessário fazer pausas durante cada programa. Recomendamos, porém, que os professores tomem notas de pontos, questões e informações que considerem relevantes e interessantes ao longo da exibição.



Após a exibição

O debate a respeito das informações, conteúdos e novas idéias que os vídeos apresentam é essencial.

Após a exibição do primeiro vídeo, sobre as línguas indígenas, e para começar o debate, os professores podem responder, agora usando as informações do vídeo, quantas línguas eram faladas no Brasil na época da conquista e hoje: na lousa, pode-se anotar quanto cada professor tinha anotado em seu caderno sobre essas quantidades e verificar quem chegou mais perto. Em seguida, os professores poderiam realizar o debate apresentando, uns para os outros, o que tinham anotado em seus cadernos antes da exibição do vídeo, e o que mudariam ou complementarariam com o que viram nele.

Poderiam ainda, coletivamente, fazer um fichamento das idéias principais do vídeo, a partir de três pontos:

- * a importância de se preservar a língua materna dos povos indígenas
- * análise das principais razões do desaparecimento de muitas línguas indígenas

* a importância do registro escrito das línguas indígenas.

Para finalizar, poderiam debater a questão: **“índio que não fala mais a língua indígena ainda é índio?”**.

Após a exibição do segundo vídeo, **“Uma outra História”**, seria interessante que os professores retomassem a discussão que realizaram antes de assistir, refletindo novamente sobre o que foi apresentado no vídeo e comparando o que mudou em relação ao que conheciam do assunto. Um tema para o debate poderia ser a categorização apresentada pelo prof. Joaquim Maná Kaxinawá do Acre, sobre os quatro tempos da História: o tempo das malocas, das correrias, do cativo e dos direitos. Um outro tema para conversarem pode ser sobre os índios como sujeitos de sua própria história e sobre o que eles dizem sobre a sua história no vídeo.

Após a exibição do terceiro vídeo – sobre os **direitos dos índios** – os professores podem comparar o que anotaram em seus cadernos antes do vídeo e o que complementaríamos ou mudariam após a exibição. Podem refletir sobre a importância da Constituição de 1988 e o porquê da distância entre o que está, como dizem os índios no vídeo, “na teoria” (nas leis) e o que ocorre na prática.

O **anexo** que pode ser encontrado adiante é bastante útil para sistematizar os conhecimentos e auxiliar na condução dos debates.



Conclusões

Concluído o debate a respeito dos três vídeos, os professores poderiam pensar em como utilizá-los com seus alunos escolhendo, entre os vários tópicos discutidos, os itens que poderiam ser abordados em sala de aula.

Trata-se, em primeiro lugar, de apresentar uma nova visão sobre os povos indígenas no Brasil, o que pode ser muito rico e

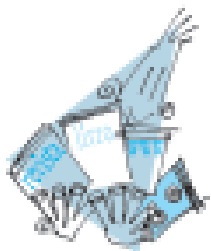
interessante para os alunos. A estratégia proposta de se pensar um pouco num tema, fazer um levantamento prévio sobre o que se sabe dele, e depois discutir o que se aprendeu com o vídeo e quais as novas idéias que ele trouxe, pode também ser muito útil também para o trabalho em sala de aula.

A questão indígena, de um modo geral, é muito mal compreendida no Brasil, dentro e fora da escola, e este é um bom exercício para nos darmos conta de nossos preconceitos e da discriminação que existe contra esses povos.

Se refletirmos junto com nossos alunos, vamos ver que, embora tenhamos uma visão nostálgica e romântica do índio como primeiro habitante do país e protetor da natureza, na verdade impera uma visão negativa desses povos, de seu papel na formação do país e de seu lugar no mundo atual. Essa série, que tem o incrível mérito de ter os índios como protagonistas, uma vez que são eles que narram, falam e dialogam com o público, é um bom exemplo, bastante concreto, de que podemos rever algumas, ou talvez muitas de nossas idéias sobre eles.

E, para ir além do tema índios, os professores poderiam discutir um pouco outras questões que perpassam a temática dos povos indígenas: a diversidade cultural, social e econômica que caracteriza nosso país, como lidamos com a diferença, seja ela cultural, social, econômica, religiosa ou política. Propomos, enfim, a reflexão sobre uma questão que se mostra cada vez mais crucial no mundo contemporâneo e globalizado, que é como lidamos com aqueles que são diferentes de nós.

A diversidade de culturas no mundo é uma grande riqueza da humanidade e aprender a conviver com a diferença, exercitar a solidariedade e a tolerância, buscar uma convivência fraterna e respeitável é talvez, hoje, o maior desafio não só para os governos, mas também para cada indivíduo e para cada cidadão.



Para saber mais

VÍDEOS

Série “Índios no Brasil”. TV Escola/MEC.

PUBLICAÇÕES

Cadernos da TV Escola: Índios do Brasil. 3 vols. MEC/TV ESCOLA¹.

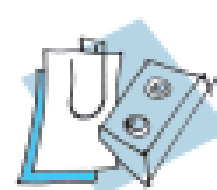
LIVROS

ARACY LOPES DA SILVA E LUÍS DONISETTE BENZI GRUPIONI, *A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Global/MEC/Mari/Unesco, São Paulo, 1998.

SITES

www.socioambiental.org

¹ - Foram escritos por antropólogos, lingüistas e indigenistas, numa linguagem de fácil acesso, contendo informações atualizadas e sistematizadas sobre os índios no Brasil. Para o vídeo sobre línguas, ler “As línguas indígenas” – artigo de Bruna Franchetto, no vol. 2. Para o vídeo sobre história, ler o artigo “História” de Carlos Fausto, no vol.1. Para o vídeo sobre os direitos, ler o artigo “Os índios e a cidadania” de Luís Donisete Grupioni, no vol. 3. A proposta é que os professores leiam esses textos depois de assistirem aos vídeos, para enriquecer o debate com seus colegas. Também recomendamos essas leituras caso decidam utilizar os vídeos com seus alunos.



Anexo

Sinopse da série “Índios no Brasil”

ÍNDIOS NO BRASIL é uma série inédita, produzida pelo MEC, que mostra como vivem e o que pensam diversas comunidades indígenas do país. É uma viagem pelo universo indígena. Dividida em dez programas, de aproximadamente 20 minutos cada, a série **Índios no Brasil** amplia a discussão sobre a verdadeira identidade do Brasil. É a primeira vez que a questão indígena é abordada numa série para a televisão dando a palavra aos índios, visando enriquecer o currículo escolar e combater idéias preconceituosas a respeito desses povos.

Apresentada pelo líder indígena Ailton Krenak, **Índios no Brasil** mostra, sem intermediários, como vivem e o que pensam os índios de nove povos dispersos no território nacional, escolhidos entre mais de duzentas etnias: os Ashaninka e Kaxinawá do Acre, os Baniwa do Rio Negro no Amazonas, os Krahô de Tocantins, os Maxacali de Minas Gerais, os Pankararu de Pernambuco, os Yanomami de Roraima, os Kaiowá do Mato Grosso do Sul e os Kaingang do sul do país.

Índios no Brasil traz depoimentos de índios e não-índios, residentes em diferentes partes do país, que expressam com extrema fidelidade a relação, nem sempre amistosa, entre o índio e o branco, desde a época do descobrimento até os dias atuais.

A identidade dos índios, suas línguas, seus costumes e tradições, a colonização e o contato com o branco, a briga pela terra, a integração com a natureza e os direitos conquistados são os temas enfocados pelos personagens desta série.

Resumo dos três programas:

Nossas Línguas (19'16")

Relata a repressão histórica às línguas indígenas praticada ao longo destes 500 anos por intermédio das missões religiosas, dos funcionários dos governos ou da população não índia. E, apesar de toda esta repressão, os índios resistiram: ainda são faladas mais de 180 línguas indígenas no Brasil. A Constituição de 1988 finalmente lhes reconhece o direito à diferença e ao ensino de suas línguas em suas escolas, como vemos na Escola da Floresta do professor Joaquim Kaxinawá no estado do Acre.

Uma Outra História (15'31")

O Brasil foi descoberto ou invadido? O filme de Humberto Mauro de 1940 dá a sua versão sobre o Descobrimento do Brasil. Mas os índios são unânimes em afirmar que o país foi invadido porque eles já estavam aqui. Dependendo do ponto de vista de cada um, existem várias versões da História do Brasil, e aqui os índios contam as suas. A cartilha de História das escolas indígenas do Acre, por exemplo, divide a História do Brasil em quatro períodos: **o tempo das malocas**, antes da chegada de Cabral; **o tempo das correrias**, quando os índios foram caçados à bala para a ocupação dos seus territórios; o tempo do cativo, quando eles foram usados como mão de obra escrava no corte de seringa, e finalmente o **tempo dos direitos**, quando finalmente conquistaram o direito à terra e à sua cultura.

Nossos direitos (17'08")

Depoimentos sobre os direitos já conquistados e legitimados pela constituição atualmente vigente: o direito à terra, à saúde, ao ensino de suas línguas e à livre organização de suas comunidades. Lideranças indígenas reiteram a necessidade de se respeitar os direitos conquistados pelos povos indígenas. Há depoimentos do líder da federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIR), Pedro Garcia, e lideranças das tribos indígenas Kaiowá, Kaxinawá, Yanomami, Ashaninka e Kaingang.

Proposta 2

Antônia Terra

Vídeos utilizados:

Série Índios no Brasil, produzida pela TV Escola/MEC:

- * Nossas línguas (19'16'')
- * Uma outra história (15'31'')
- * Nossos direitos (17'08'')

Outros materiais que o professor pode utilizar:

Série Índios do Brasil²

- * Quem são Eles
- * Nossas Terras
- * Cadernos da TV Escola: Índios do Brasil. Brasília, MEC, Secretaria de Educação à Distância, 1999.
- * Léry, Jean. Viagem à terra do Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1980 (ver trecho no anexo 1)
- * Parâmetros Curriculares Nacionais - História. 5ª a 8ª séries. Brasília: SEF/MEC, 1998 (ver trecho no anexo 2)



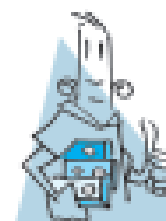
Nota inicial

Acreditamos que os professores interessados em aprofundar e atualizar seus conhecimentos sobre os indígenas brasileiros deverão escolher um coordenador para sistematizar e organizar o trabalho a partir dos vídeos em questão, pois o que propomos aqui é uma série de atividades em grupo.

² - Estes programas fazem parte da programação da TV Escola.

Conteúdos

- * Pluralidade cultural
- * Identidade cultural
- * Alteridade
- * História das populações indígenas
- * Imagens e representações construídas para os indígenas brasileiros



Preparação e exibição

Atividade 1

➔ Organizar os professores em grupos.

➔ Solicitar aos professores que respondam na hora às questões abaixo (individualmente ou em dupla), ou que tragam de casa já respondidas. Se for um exercício de casa, solicitar que façam estas mesmas perguntas a outras pessoas (amigos, parentes, etc):

- a) O que você sabe sobre o índio brasileiro?
- b) O que você aprendeu sobre o índio na escola?
- c) A que épocas históricas se referiam os conteúdos escolares sobre os índios brasileiros?
- d) Quais os povos indígenas que você conhece ou já ouviu falar? Quais os traços dos costumes deles que você conhece, que os distingue dos outros povos?
- e) O que, para você, torna uma pessoa um índio?

Atividade 2

- Exibir o programa **Nossas Línguas** da série **Índios do Brasil**.
- Exibir pela segunda vez o mesmo programa, agora parando, discutindo e confrontando as respostas dos professores com os debates propiciados pelo programa. Entre a diversidade de temas, debater a concepção de “**identidade**”, comparando a auto-identificação e a identificação feita pela sociedade envolvente.
- Solicitar que os professores escrevam um texto confrontando as diferentes versões, imagens e representações dos indígenas brasileiros, divulgados pelo senso comum e pela escola, com as concepções e problemáticas específicas das populações indígenas. Atenção: o texto deve conter também alguns princípios que possam nortear o trabalho dos professores quando forem tratar do tema com seus alunos.
- Solicitar que os grupos leiam coletivamente os textos que escreveram.
- Debater coletivamente (e anotar na lousa ou cartaz) estratégias didáticas de como utilizar este programa de vídeo com os alunos em sala de aula.

Atividade 3

- Oferecer jornais e revistas aos professores e solicitar que procurem imagens, reportagens ou qualquer informação ou representação para os indígenas brasileiros. É possível solicitar que tragam esta pesquisa de casa.
- Solicitar que classifiquem coletivamente os materiais encontrados, distinguindo os temas abordados: as imagens divulgadas sobre os índios, o objetivo do tratamento do tema indígena nos meios de comunicação, os valores presentes no material e também quais as denominações ou especificidades quanto às populações indígenas - se falam genericamente em “índio” ou se especificam os povos.

- Solicitar que os trabalhos sejam apresentados.
- Exibir o programa **Quem são eles** da série **Índios do Brasil**.
- Propor que os professores confrontem, em grupo, o levantamento e a classificação que fizeram a partir de revistas e jornais com as versões indígenas que aparecem no programa, ou seja, quem efetivamente eles são e quais os problemas vividos por eles nas relações com a população não-índia.
- Abrir debate.

Atividade 4

- Solicitar que os professores façam uma pesquisa sobre os direitos indígenas, recuperando também a legislação existente.
- Solicitar que organizem, em grupo, um texto apresentando os direitos indígenas no Brasil atual.
- Exibir o programa **Nossos Direitos**, da série **Índios do Brasil**.
- Confrontar a pesquisa com os temas debatidos no programa.
- Solicitar que os professores, em grupo, organizem estratégias didáticas para trabalhar os direitos indígenas com seus alunos

Atividade 5

- Solicitar aos professores que leiam o texto do anexo 1, identificando as diferentes concepções de natureza e da terra para os europeus e para os tupinambá.
- Debater coletivamente o tema.
- Exibir o programa **Nossas terras**, da série **Índios do Brasil**.
- Solicitar que os professores, ao longo da exibição, anotem quais os fundamentos para que as populações indíge-

nas tenham suas terras delimitadas; e quais os diferentes processos históricos construídos pelas comunidades indígenas para garantir e legitimar a demarcação das terras.

➡ Solicitar que, em grupo, escrevam um texto fundamentando a delimitação de terras indígenas. Sugerir que utilizem também a legislação que pesquisaram quando debateram seus direitos.

Atividade 6

- ➡ Ler com os professores o texto dos PCN - História, do anexo 2.
- ➡ Debater a idéia de alteridade, relacionando-a com o convívio entre as etnias brasileiras.

Atividade 7

- ➡ Pedir que os professores analisem, em grupo, diferentes livros didáticos (de diferentes editoras, autores e épocas), identificando as concepções, imagens e valores transmitidos sobre as populações indígenas brasileiras.
- ➡ Pedir que escrevam um texto pontuando estas diferentes concepções, sugerindo novas propostas para tratar e trabalhar o tema na escola.



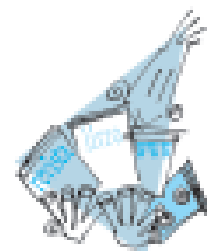
Observações

✓ Para a atividade 1, sugerir aos professores que aprofundem seus estudos lendo o texto “Trabalho e lazer”, de Vicent Carelli, dos CADERNOS DA TV ESCOLA **Índios do Brasil**, número 1, páginas 77 a 93.

✓ Para debater “**Identidade**” na atividade 2, é possível promover uma pesquisa sobre como a legislação brasileira, de diferentes épocas, tem denominado “**quem é o índio brasileiro**”.

✓ Para a atividade 3, sugerir aos professores que aprofundem seus estudos lendo o texto “As línguas indígenas”, de Bruna Franchetto, dos CADERNOS DA TV ESCOLA **Índios do Brasil**, número 2, páginas 5 a 20.

✓ Para a atividade 5, sugerir aos professores que aprofundem seus estudos lendo o texto “Terra e Território”, de Virgínia Valadão, dos CADERNOS DA TV ESCOLA **Índios do Brasil**, número 2, páginas 81 a 94.



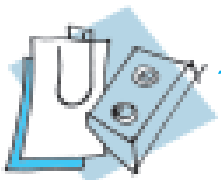
Para saber mais

LIVROS

CUNHA, MANUELA CARNEIRO. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GRUPIONI, LUÍS DONISETTE (ORG.). *Índios do Brasil*. São Paulo: Global, 1998.

SILVA, ARACY LOPES E GRUPIONI, LUÍS DONISETTE. *A temática indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.



Anexos

Anexo 1

“Os nossos tupinambás se admiram dos franceses e outros estrangeiros se darem ao trabalho de ir buscar o seu **arabutan** [pau-brasil]. Uma vez um velho perguntou-me: por que vindes vós outros, **maírs** e **perôs** [franceses e portugueses] buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita, mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir, tal qual faziam eles com seus cordões de algodão e suas plumas. Retrucou o velho imediatamente: e porventura precisais de muito? – Sim, respondi-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados. – Ah! Retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas, acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera: mas esse homem tão rico de que me fala não morre? – Sim, disse eu, morre como os outros. Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo: e quando morrem para quem fica o que deixam? – Para seus filhos se os têm, respondi; na falta destes para os irmãos ou parentes mais próximos. – Na verdade, continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo, agora vejo que vós outros maírs sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu

também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados. Esse discurso, aqui resumido, mostra como esses pobres selvagens americanos, que reputamos bárbaros, desprezam àqueles que com perigo de vida atravessam os mares em busca de pau-brasil e de riquezas. Por mais obtusos que sejam, atribuem esses selvagens maior importância à natureza e à fertilidade da terra do que nós ao poder e à providência divina.”

Jean de Léry [1534-1611]. Viagem à terra do Brasil. Traduzido por Sérgio Milliet. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980, p. 169-170.

Anexo 2

“A percepção do “outro” (diferente) e do “nós” (semelhante) é diversa em cada cultura e no tempo. Ela depende de informações e de valores sociais historicamente construídos. É sempre mediada por comportamentos e por experiências pessoais e da sociedade em se que vive. Em diferentes momentos da História, indivíduos, grupos e povos conheceram as desigualdades, as igualdades, as identidades, as diferenças, os consensos e os conflitos, seja na convivência social, espacial, política, econômica, cultural e religiosa, seja na convivência entre etnias, sexos e idades. Esses convívios mantiveram relações com valores, padrões de comportamentos e atitudes de identificação, distinção, equiparação, segregação, submissão, dominação, luta ou resignação, entre aqueles que se consideravam iguais, inferiores ou superiores, próximos ou distantes, conhecidos ou desconhecidos, compatriotas ou estrangeiros.

Hoje em dia, a percepção do “outro” e do “nós” está relacionada à possibilidade de identificação das diferenças e, simultaneamente, das semelhanças. A sociedade atual solicita que se enfrente a heterogeneidade e que se distingam as particularidades dos grupos e das culturas, seus valores, interesses e identidades. Ao mesmo tempo, ela demanda

que o reconhecimento das diferenças não fundamente relações de dominação, submissão, preconceito ou desigualdade. Todavia, esse não é um exercício fácil. Ao contrário, requer o esforço e o desejo de reconhecer o papel que é exercido pelas mediações construídas por experiências sociais e culturais na organização de valores, que sugerem, mas não impõem, o que é bom, mau, belo, feio, superior, inferior, igual, perfeito ou imperfeito, puro ou impuro; que orientam, mas não restringem, as ações de aproximação, distanciamento, isolamento, assimilação, rejeição, submissão ou indiferença; e que possibilitam o conhecimento ou o desconhecimento da presença ou da existência da diversidade individual, de grupo, de classe ou de culturas.

A percepção da alteridade está relacionada à distinção, de modo consciente, das diferenças, das lutas e dos conflitos internos aos grupos sociais ou presentes entre aqueles que vivem ou viveram em outro local, tempo ou sociedade. E está relacionada à construção de uma sensibilidade ou à consolidação de uma vontade de acolher a produção interna das diferenças e de moldar valores de respeito por elas. A percepção do “nós”, por sua vez, está ligada ao desejo de reconhecimento de semelhanças entre o “eu” e os “outros”, na busca de identificação de elementos comuns no grupo local, na população nacional ou nos outros grupos e povos próximos ou distantes no tempo e no espaço.

O trabalho com noções de transformação e de permanência, envolvendo especificamente a dimensão temporal, está relacionado, por outro lado, à percepção de que o “eu” e o “nós” do tempo presente são distintos de “outros” de outros tempos, que viviam, compreendiam o mundo, trabalhavam, vestiam-se e se relacionavam de outra maneira. E está relacionado, simultaneamente, com a compreensão de que o “outro” é, também, o “antepassado”, aquele que legou uma história e um mundo específico para ser vivido e transformado.”

Parâmetros Curriculares Nacionais - História. 5ª a 8ª séries. Brasília: SEF/MEC, 1998.

Língua Portuguesa

Oralidade e Ortografia

Proposta 1

Eduardo Calil

Vídeo utilizado:

Série PCN na Escola – Língua Portuguesa

- * O que quer e o que pode nossa língua.(14’11”)

Outros materiais que o professor pode utilizar:

- * Parâmetros Curriculares Nacionais - Volume 2 – Língua Portuguesa
- * Situações Comunicativas Formais e Oralidade: algumas considerações (anexo 1).
- * Sugestão de atividade com poesia (anexo 2).

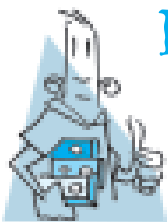
Conteúdos

Alguns conteúdos podem ser levantados a partir do vídeo **O que quer e o que pode nossa língua** e trabalhados individualmente ou em grupo. Podem também ser discutidos dentro de um projeto interdisciplinar da escola. São eles:

- * Compreensão das noções básicas para o trabalho com oralidade: fala letrada, distúrbios da fala, dialeto, registro da fala.
- * Diferenciação dos modos de fala em diferentes situações comunicativas.

- * Compreensão das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o trabalho com a língua oral e posterior discussão.

- * Elaboração de diferentes situações didáticas para o trabalho com oralidade.



Preparação

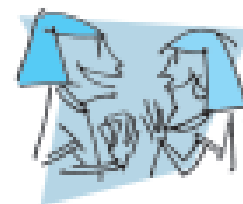
Antes da exibição do vídeo **O que quer e o que pode nossa língua** é preciso levantar algumas questões e debatê-las em conjunto com outros professores. Para conduzir esse trabalho preparatório pode ser escolhido um coordenador, que vai propor as questões, mediar o debate e organizar os resultados. Sugerimos algumas questões:

- * Qual a importância da “leitura em voz alta”? O que esse tipo de leitura exige dos alunos?
- * Formar pequenos grupos para discutir o que são “situações comunicativas formais” e como viabilizá-las em sala de aula; anotar as idéias do grupo.
- * Fazer uma leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Volume 2, Língua Portuguesa, especificamente dos itens “Que fala cabe a escola ensinar” (pg.15 e 16), “Os conteúdos de ensino da língua portuguesa” (pg. 23 e 24), “Língua oral: formas e usos (pg. 30 a 34), “Análise e reflexão sobre a língua” (pg. 53 e 55) e “blocos de conteúdos (pg. 77, 78 e 89). Destacar os pontos mais importantes.
- * Comparar o que foi anotado no item 2 e o que foi lido no item 3.



Exibição

Durante a exibição dos vídeos é interessante observar o modo como os alunos lêem o conto “João e Maria” e também as questões que levantam durante a preparação para a entrevista com o astrônomo.

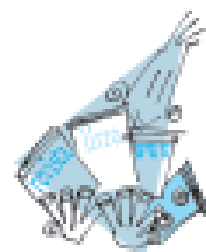


Após a Exibição

Sugerimos a leitura do texto do **Anexo 1**, depois da qual o coordenador pode preparar uma atividade relacionada aos projetos e trabalhos didáticos que estejam acontecendo em suas salas de aula, para ser feita coletivamente ou em pequenos grupos.

Essa atividade na sala de aula, que pode ser interdisciplinar, dá aos alunos a oportunidade de participar de uma **situação comunicativa formal**. A idéia é criar uma situação real na qual os alunos vão exercitar a comunicação formal de modo prático.

O planejamento e a elaboração da atividade é fundamental para garantir o seu sucesso.



Para saber mais

Há vários livros que podem ajudar os professores interessados em aprofundar as questões tratadas neste programa. Destacamos alguns:

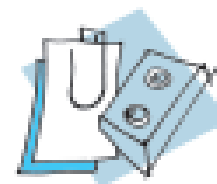
BAGNO, MARCOS (1999) *Preconceito Lingüístico: o que é e como se faz*. São Paulo: Editora Loyola.
CHIAPPINI, LÍGIA. (org. geral) (2000) APRENDER E

ENSINAR COM TEXTOS BRANDÃO, H. N. (COORD.) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*, vol. 5. São Paulo: Cortez.

FAVERO, LEONOR LOPES, ANDRADE, MARIA LÚCIA C. V. & AQUINO, ZILDA G. O. (1999) *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez.

KLEIMAN, ÂNGELA (1993) *Oficina de Leitura: teoria & prática*. Campinas: Pontes; Unicamp.

MORAIS, ARTUR G. (1999) *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática.



Anexos

Anexo 1

Situações comunicativas formais e oralidade: algumas considerações

Eduardo Calil

O trabalho com a **língua oral** só passou a ser efetivamente considerado como um conteúdo do Ensino Fundamental após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997. Este importante documento, que tem norteado as práticas de sala de aula e os projetos educacionais e/ou pedagógicos pelo país afora, afirma que:

“Cabe à escola **ensinar** aos alunos a utilizar a linguagem oral nas **diversas situações comunicativas**, especialmente as mais **formais**: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações etc¹.

No vídeo **O que quer e o que pode nossa língua** podemos observar duas destas situações comunicativas formais. O projeto **“Recontando histórias”**, em que cada grupo de alunos iria escolher e ensaiar a leitura expressiva ou dramatizada dos contos e que culminaria na semana **“Era uma vez”**, apresentando para o resto da classe as

¹ MEC/SEF, (1997) *Parâmetros Curriculares Nacionais, 1º e 2º ciclos, volume 2 (língua portuguesa)*, Brasília: Ministério da Educação, pg. 16.

² Para aqueles que estiverem interessados em material para o trabalho com poesia em sala de aula, sugiro o acesso ao site: <http://www.cedu.ufal.br/docnetes/calil/materialdidatico>, no qual se poderá encontrar e fazer *download*, gratuitamente, o projeto didático POEMA DE CADA DIA. Este material apresenta uma compilação de mais de 200 poemas de diversos poetas, assim como 60 propostas de atividades de leitura e interpretação e 15 propostas de situações de produção de poemas.

leituras em voz alta. A outra situação seria a preparação de uma entrevista a ser feita com um astrônomo que iria falar sobre o Universo, já que os alunos estavam desenvolvendo o projeto **“Conhecendo o Sistema Solar”**. Além destas duas situações, também foram propostos trabalhos com declamações de poesias² e apresentação de seminários e debates como boas situações contextualizadas para o ensino da fala formal.

É importante notar que, apesar de serem consideradas situações comunicativas formais, elas exigem dos alunos diferentes modos de fala e apresentam características distintas. Em cada uma delas há diferenças relacionadas à intenção daquele que fala, ao tipo de texto que será falado, ao contexto em que se efetivará esta fala e aos interlocutores para os quais a fala se destina.

Vamos analisar mais de perto estas diferenças e o que elas exigem e oferecem aos alunos enquanto conteúdos a serem ensinados e habilidades a serem aprendidas. Por exemplo, a leitura de uma história como a de “João e Maria”, para alunos da sala ou de outra sala de aula, pode exigir um estudo do texto que leve em conta a preparação da atividade de leitura em voz alta, as diferentes tonalidades e expressões que exige a voz do narrador (em geral, o “tom” é mais neutro e imparcial, apesar de ajudar muito a criar um certo suspense na medida em que se vai narrando a história), a voz de Maria (uma menininha assustada no meio de uma floresta desconhecida e tenebrosa), a voz de João (garoto valente e esperto, que não tem medo de enfrentar os perigos da floresta), a voz da bruxa (velha, caolha, que se finge de boazinha para poder comer criancinhas), etc. Aqui, não basta somente memorizar a seqüência dos acontecimentos e lê-los. É preciso entender que há uma forte relação entre as características dos personagens e o modo como devem falar, pois assim os alunos conseguirão fazer

com que seus ouvintes (interlocutores) não só tenham maior interesse em ouvir a história, como também compreendam de forma mais adequada o que se passa entre os personagens, suas intenções e os acontecimentos da história, construindo significativamente as trocas que aí se estabelecem.

Além destes aspectos, existe outro que nem sempre se tem claro, mas que desempenha um papel fundamental no trabalho com a língua oral e no processo de letramento. É a noção de “fala letrada”, ou seja, um modo de falar que não traz somente a imitação de voz como elemento central, mas também as interferências e as características próprias da linguagem escrita. Um aluno, adulto ou criança, poderá, mesmo sem saber ler e escrever convencionalmente, apresentar em seu modo de falar palavras, expressões, uso de pronomes, conjunções e/ou construções sintáticas próprias dos textos escritos, do universo letrado. Isso só pode acontecer se lhes forem oferecidos, intensamente, bons modelos de referência, representativos e reconhecidos socialmente, e se lhes forem dadas oportunidades de recontar histórias, apresentar seminários, etc. Estas são situações comunicativas em que os alunos podem aprender as características da fala formal, sabendo “atribuir significado, começando a identificar elementos possivelmente relevantes segundo os propósitos e intenções do autor”.³

Outro exemplo valioso apresentado no vídeo é a preparação da entrevista que seria feita com o astrônomo. A partir de um projeto sobre o Sistema Solar, professor e alunos organizaram uma série de perguntas a serem feitas ao cientista. Veja como as perguntas elaboradas ajudaram a aprofundar o estudo e a preparação deste assunto:

³ MEC/SEF, (1997) *Parâmetros Curriculares Nacionais, 1º e 2º ciclos, volume 2 (língua portuguesa)*, Brasília: Ministério da Educação e Cultura, pg. 74.

Aluno 1: Quando e como se formou o Sistema Solar e a Terra?

Aluno 2: Quando a Terra apareceu ela já tinha as mesmas características que tem hoje ou ela foi se modificando com o tempo?

Aluno 3: Por que não existe vida no planeta Marte como existe na Terra? Alguma vez já existiu vida naquele planeta?

Aluno 4: É verdade que o Sistema Solar não passa de um pequeno ponto quando comparado com o Universo?

Estas questões e outras feitas pelos alunos indicam, certamente, que uma grande diversidade de informações sobre o tema tratado foi levantada. Os alunos leram muito, consultaram verbetes de enciclopédias, discutiram várias notícias de divulgação científica, como aquelas publicadas por revistas como **Ciência Hoje das Crianças**, **Galileu**, **Super Interessante**, assistiram a documentários sobre o tema, foram visitar o Planetário.

Construíram ricas hipóteses e descobriram muitas curiosidades e informações que antes não sabiam, nem imaginavam. Além, é claro, de terem formado conceitos como “universo”, “órbita celeste”, “gravidade”, etc. O professor tem, aqui, um papel crucial e determinante, pois depende dele, mais do que de ninguém, a preparação e organização do material e a elaboração das atividades desafiadoras e significativas que possam levar os alunos a **construir** novos conhecimentos, conteúdos, valores e habilidades.

A atividade de entrevista poderia prosseguir através da transcrição da fita gravada. Nesse momento de trabalho coletivo de transcrição, o professor pode pedir a ajuda dos alunos, ouvir a gravação com pausas e escrever na lousa exatamente o que o astrônomo falou. Assim, traria para a discussão o processo de “limpeza” pelo qual passa uma entrevista antes de ser publicada em jornais como **Folha de**

São Paulo e Jornal do Brasil, ou revistas, como **Veja**, **Isto é** ou **Época**. Não se escreve exatamente do mesmo modo que se fala, pois, do contrário, o leitor ficaria exausto ao ter que ler todas as pausas, hesitações, conectivos de oralidade e repetições, tão características da fala, mesmo que seja letuada. A interação face-a-face numa entrevista traz marcas de oralidade específicas para este tipo de discurso, enquanto a entrevista publicada dilui a presença do interlocutor real, obrigando o jornalista a acrescentar ou retirar elementos lingüísticos com o objetivo de deixar mais claro, para o leitor, o que foi respondido pelo entrevistado. Esta seria uma excelente atividade que levaria os alunos a analisar a língua e a compreender melhor como a oralidade se diferencia da “linguagem que se usa para escrever”.

Projetos iguais a esse, ou organizados de modo semelhante, permitem aos alunos a utilização da “língua oral com eficácia, sabendo adequá-la a intenções e situações comunicativas que requeiram conversar num grupo, expressar sentimentos e opiniões, defender pontos de vista, relatar acontecimentos, apresentar temas estudados”⁴.

⁴ MEC/SEF, (1997) *Parâmetros Curriculares Nacionais, 1º e 2º ciclos, volume 2 (língua portuguesa)*, Brasília: Ministério da Educação e Cultura, pg. 73.

Gostaria de enriquecer esta discussão trazendo para nossa reflexão o trabalho com gibis. Todos nós conhecemos os personagens da Turma da Mônica, criados por Maurício de Souza. Chamo a atenção particularmente para o Cebolinha e o Chico Bento e o modo de falar tão característico de cada um deles, que pode ser facilmente identificado nos trechos abaixo:

Trecho da história “TROCA-LETRAS” do Almanaque do Cebolinha⁵



⁵ Revista *Almanaque do Cebolinha*. nº 69, São Paulo: Editora Globo; Editora Maurício de Souza, junho, 2002, pg. 30.

Trecho da história “SEM SOTAQUE” do Almanaque do Chico Bento⁶



Há uma grande diferença entre a fala do Cebolinha e a do Chico Bento. E essa diferença ajuda a entender um pouco melhor o que é um “distúrbio articulatório” e o que é uso de um “dialeto”.⁷

⁶ Revista *Almanaque do Chico Bento*. nº 69, São Paulo: Editora Globo; Editora Maurício de Souza, junho, 2002, pg. 62.

⁷ O dialeto é caracterizado pela variedade não padrão em relação a um modo de falar valorizado socialmente. Como mostra o lingüista Marcos Bagno, em seu livro *Preconceito Lingüístico: como é e como se faz* (Editora Loyola), os dialetos são marcados fortemente pelas diferenças de classes sociais e regionais, assim como pelo modo pouco científico com que as gramáticas tratam esta questão, reforçando o preconceito diante de diferentes padrões de fala.

No caso do Cebolinha, o que traz o humor para o personagem é o fato de trocar o “R” pelo “L”, como ele mesmo diz, neste divertido trecho, realizando uma perspicaz análise lingüística. Esta é uma característica somente dele. Seu padrão de fala não é seguido pelos outros personagens da Turma da Mônica. Eventualmente, encontramos em nossas salas de aula alunos que falam de modo semelhante ao do Cebolinha e aí cabe ao professor solicitar a ajuda de um fonoaudiólogo, encaminhando o aluno para um tratamento e solicitando orientação sobre o melhor modo de agir diante destes casos.

Já o Chico Bento fala, de modo um tanto caricatural, um “dialeto caipira” que retrata o meio rural do interior do Estado de São Paulo. Todos os personagens, com exceção de sua professora, que usa um “dialeto considerado padrão”, falam de modo bastante semelhante. Falam o mesmo dialeto. Não é o caso de se ficar corrigindo os alunos que falam deste modo, pois, como afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais,

A questão não é falar certo ou errado e sim saber que forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente **o que** falar e **como** fazê-lo considerando **a quem** e **por que** se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de **correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso**, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido⁸.

⁸ MEC/SEF, (1997) *Parâmetros Curriculares Nacionais, 1º e 2º ciclos, volume 2 (língua portuguesa)*, Brasília: Ministério da Educação, pg. 16.

O Chico Bento, ao falar para seu primo, Zé Lelé, **“mais num quero qui esse pessoar da capitar fique tirando sarro di mim!”**, e depois, ensinando que **“o pessoar da cidade num fala PASTERRR...(…) fala PASTELL...”**, está justamente tentando adequar seu modo de falar ao modo como as pessoas da capital falam, a fim de evitar qualquer tipo de discriminação social e lingüística, preconceito inegavelmente arraigado em qualquer sociedade e que é papel da escola e do professor dirimir. Ele procura justamente adequar-se às circunstâncias de uso, mudando o registro, isto é, mostrando os diferentes usos que se pode fazer da língua, dependendo da situação comunicativa. Assim, é possível que uma mesma pessoa ora utilize a gíria, ora um falar técnico (o “pedagogês”, o “economês”), ora uma linguagem mais popular e coloquial, ora um jeito mais formal de dizer, **dependendo do lugar social que ocupa e do grupo no qual a interação verbal ocorrer.**⁹

Aí está a diferença entre o modo de falar do Cebolinha e o do Chico Bento. Discutir esta questão com os alunos poderia ser uma excelente **atividade metalingüística**, em que se propõe **“um tipo de análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos lingüísticos”**.¹⁰

Diferenciar os “erros” de fala do Cebolinha e o modo de falar do Chico Bento está fortemente ligado à língua oral. Isto não pode ser repassado diretamente para os problemas de ortografia, tão comuns nas escritas dos alunos em início do processo de alfabetização, como por exemplo, o uso do “L” no lugar do “U” em finais de verbos na 3ª pessoa do singular do pretérito, ou o intercâmbio entre “S” e “Z” em

⁹ MEC/SEF, (1997) *Parâmetros Curriculares Nacionais, 1º e 2º ciclos, volume 2 (língua portuguesa)*, Brasília: Ministério da Educação, pg. 16, nota 12.

¹⁰ MEC/SEF, (1997) *Parâmetros Curriculares Nacionais, 1º e 2º ciclos, volume 2 (língua portuguesa)*, Brasília: Ministério da Educação, pg. 21.

palavras como “vez”, “casa”, “talvez”, etc. Do mesmo modo, é preciso chamar a atenção para o apoio sobre a oralidade que estes alunos costumam fazer quando estão escrevendo. Observarmos com frequência que alguns alunos, tanto aqueles que falam próximo ao modo do Cebolinha, quanto os que usam um “dialeto”, se apoiam sobre seu modo de falar para escrever certas palavras.

Aqui, compete ao professor mostrar que a ortografia é um subsistema bastante complexo da língua escrita, com suas especificidades, convenções, regularidades e irregularidades que precisam ser diferenciadas, memorizadas e analisadas para que se efetive seu ensino e sua aprendizagem.

Mas isto é uma outra história, uma história para outro programa...

Anexo 2

Sugestão de atividade com poesia

Esta atividade que pode ser encontrada no projeto POEMA DE CADA DIA, no site

www.cedu.ufal.br/docentes/calil/materialdidatico

Espero que ela possa ajudá-los a pensar em como desenvolver um trabalho de declamação com poemas.

A Caminhada

Sidônio Muralha¹¹

Nessa mata ninguém mata / a pata que vive ali, /
com duas patas de pata, / pata acolá, pata aqui.

Pata que gosta de matas / visita as matas vizinhas, /
com as suas duas patas / seguidas de dez patinhas.

E cada patinha tem, / como a pata lá da mata, /
duas patinhas também /que são patinhas de pata.

A Caminhada - Sidônio Muralha (atividade 57)

1.Comentário geral

Neste poema o autor brinca com a homonímia entre “mata” (floresta, terreno coberto de grande quantidade de árvores) e “mata” (verbo “matar”); entre “pata” (fêmea do pato) e “pata” (pé de animal), “patinha” (pezinho de animal) e “patinha” (diminutivo de “pata”, fêmea do pato). Além disso, há semelhança sonora entre “pata” e “mata” e vale observar a relação entre o título e o poema.

2.Objetivo da atividade (+/-30')

- ✓ Identificar as homonímias presentes no poema e expostas acima;

¹¹ Sidônio Muralha: depois de ter vivido na África, o poeta português veio morar em Curitiba, onde continuou a escrever prosa e poesia para adultos e crianças. Morreu em 1982. Os poemas selecionados foram publicados em *A dança dos picapaus*, da Globo Editora, com as ótimas ilustrações de Eva Furnari. Vale a pena dar uma espiada no livro!

- ✓ Identificar as diferenças de sentido entre as homonímias;
- ✓ Trabalhar a semelhança sonora entre “pata” e “mata”.

3.Material

- ✓ Xerox do poema separado por estrofes, mas sem indicação dos versos; com espaço em branco para os alunos, em dupla, reescreverem o poema.
- ✓ Caneta preta;
- ✓ Lápis de cor.

4.Procedimento do professor

1º momento

- ✓ Distribuir o xerox para cada dupla;
- ✓ Ler junto com os alunos o poema;
- ✓ Identificar coletivamente as palavras que rimam (elas são uma “dica” para se descobrir quais são os versos)
- ✓ Pedir para alguns alunos separarem os versos com “barras”;
- ✓ Reescrever o poema ao lado, com os versos separados e as estrofes.

2º momento

- ✓ Fazer uma análise dos sentidos do poema, considerando as homonímias aí presentes.

3º momento

- ✓ Solicitar aos alunos que copiem e ilustrem o poema no Diário Poético.

5.Procedimento do aluno

- ✓ Identificar as rimas;
- ✓ Participar da discussão sobre a separação dos versos;
- ✓ Copiar e ilustrar o poema no Diário Poético.

Proposta 2

Artur Moraes

Vídeos utilizados:

Série PCN na Escola – Língua Portuguesa

- * O que aprender de ortografia? (12'10")
- * Para que ensinar ortografia? (12'38")
- * Uma reflexão sobre as normas ortográficas (12'25")

Introdução

No contexto atual, em que muitos educadores já praticam com seus alunos a produção de textos reais (que circulam na sociedade) com finalidades comunicativas, é comum ver professores tendo dúvidas a respeito do ensino da ortografia: como fazê-lo de um modo menos apoiado na mera repetição e memorização? Como tratar os erros que aparecem nas escritas infantis, a fim de não repetir a postura de apenas punir os alunos que têm dificuldades? Pensamos que na tradição escolar, de fato, a ortografia tem sido mais tratada através do sistema “verificação/cobrança” do que através de um ensino sistemático.

A partir dos vídeos utilizados, queremos auxiliar o professor a organizar um ensino sistemático de ortografia, baseado em reflexões dos alunos a respeito dos diferentes tipos de dificuldades ortográficas de nossa língua. Para alcançar este objetivo, buscamos ajudar o professor a:

- * Compreender como está organizada a norma ortográfica do português.
- * Refletir sobre a necessidade de escrever ortograficamente.
- * Observar mais conscientemente como seus alunos escrevem as palavras da língua e por que cometem certos erros.

- * Pôr em prática atividades que partam das necessidades de seus alunos e que, levando-os a aprender a ortografia de modo consciente, substituam a cópia, os treinos ortográficos ou os “ditados para nota”.

Conteúdos

- * Organização da ortografia do português: dificuldades regulares (que são aprendidas através da compreensão) e irregulares (aprendidas através da memorização.)
- * Ortografia como convenção recente, que ajuda a comunicação de pessoas que falam com pronúncias diferentes.
- * Variações do rendimento ortográfico dos alunos ao realizarem diferentes tarefas de escrita.
- * Atividades para o ensino de dificuldades regulares e irregulares numa perspectiva reflexiva.



Preparação

Sugerimos que os professores assistam os três vídeos na seqüência anunciada no início deste texto. É importante intercalar os três momentos de estudo dos vídeos com discussões sobre os temas neles tratados e sobre as práticas que os professores vêm desenvolvendo em suas turmas para ensinar ortografia.

Em algumas ocasiões será fundamental analisar textos escritos pelos alunos dos professores participantes, a fim de observar e discutir as reais dificuldades que aparecem no dia-a-dia. Nestes casos, será necessário combinar previamente para que todos tragam para o encontro exemplos de escritas produzidas pelos seus alunos.

Os professores devem se organizar e assistir aos programas

juntos. Não só porque o trabalho em equipe propicia a colaboração, a ampliação e o confronto de pontos de vista, mas porque também no caso da ortografia é preciso ter acordos coletivos que sejam considerados por todos que trabalham com os alunos e pelos quais são responsáveis. Estes acordos permitirão avançar e futuramente revisar a definição de algumas questões: quando ensinar determinadas dificuldades ortográficas, como ensinar, como avaliar o rendimento ortográfico.

Antes de começar, os professores devem registrar algumas de suas dúvidas sobre o trabalho com ortografia a partir das experiências que vêm desenvolvendo. Isto permite ao grupo identificar suas prioridades e ver se elas são parecidas ou não. Permite também aos participantes avaliar mais objetivamente se os conteúdos tratados nos vídeos têm a ver com as questões do grupo e se ajudam ou não na busca das soluções desejadas.



Exibição

Como os vídeos são curtos (em torno de 11 minutos cada), sua exibição pode ocorrer de modo mais livre. Quem estiver coordenando o trabalho deve fazer as pausas para que os participantes possam expressar suas dúvidas, suas conclusões parciais e comentários, e até mesmo pedir a repetição de alguns trechos, caso julguem adequado.

O coordenador pode organizar as pausas de modo que elas ocorram, sempre que possível, após a apresentação dos “sub-temas” que aparecem na seqüência didática de cada programa. Procedendo assim, o coordenador permite ao grupo uma discussão mais aprofundada e organizada. É preciso, no entanto, garantir espaço para que todos possam expressar seus comentários e perguntas, mesmo que não tenham a ver exatamente com o sub-tema que a fita está focalizando num determinado momento.

O que aprender de ortografia?

Ao assistir esse vídeo podemos investir em algumas reflexões:

- A não-obediência à ortografia em muitas placas e letreiros é comum nas ruas de nossas cidades: por que isto ocorre? O que isto reflete? Quais as conseqüências?
- As dificuldades ortográficas de tipo regular e de tipo irregular em nossa língua constituem um desafio à compreensão do professor. Refletir sobre as seguintes questões pode ajudar: o que entendem como casos “regulares” e “irregulares” da nossa norma ortográfica? O que há de diferente no modo de aprender os dois tipos de questões ortográficas? Por que o ensino tradicional, através de ditados e treinos ortográficos, não considera essa diferença?

Para uma maior apreensão do que são os casos regulares e irregulares da nossa norma ortográfica é fundamental que os professores analisem produções escritas de seus alunos. Identificando os erros contidos nelas, poderão refletir e discutir outras questões:

- por que o aluno cometeu determinado erro?
- ele podia ter acertado sem ter memorizado a forma da palavra?
- entre os erros que os alunos cometeram e que são casos de irregularidade ortográfica, quais ocorreram em palavras que eles precisam aprender logo, porque as escrevem mais freqüentemente no dia-a-dia?

Para que ensinar ortografia?

Este vídeo nos conduz a outros temas de reflexão:

- Por que a ortografia é uma necessidade? Em que ela facilita a comunicação escrita? Por que as pessoas não precisam pronunciar as palavras de uma única forma?
- Como discutir com os alunos, “às claras” a importância de se escrever conforme a norma?
- Por que os alunos se enganam ao escrever determinadas palavras?
- Por que ao fazer certas tarefas (ditados, cópias) os alunos cometem menos erros que ao escrever seus próprios textos?

Tal como na discussão do programa anterior, parece-nos importante trazer casos concretos. Para tematizar o ensino de ortografia cada professor deve trazer para o encontro produções de pelo menos um aluno, redigidas em diferentes contextos: uma historinha que o aluno criou, um exercício que respondeu numa ficha, uma música que copiou do quadro. Isto permite analisar mais profundamente onde o aluno errou mais e por quê e em quê errou.

Também pode ser útil fazer o levantamento de alguns erros que podem decorrer de uma “transcrição para o papel da forma como são pronunciadas certas palavras”. Neste caso, vale a pena refletir sobre as seguintes questões:

- ➡ Que erros refletem o modo de falar próprio de certos grupos sociais que tiveram menos oportunidades de escolarização?
- ➡ Que erros são transcrições da pronúncia usada pela maioria das pessoas daquela região, independentemente de suas histórias de escolarização?

Uma reflexão sobre as normas ortográficas

O vídeo propõe o ensino da ortografia de forma a envolver o aluno num trabalho de reflexão. Alguns dos principais subtemas tratados devem ser discutidos cuidadosamente pelo grupo e remetem a questões como:

- ➡ O ensino que quer levar o aluno a refletir precisa se livrar da postura tradicional de “tirar pontos de quem erra ao escrever”. Por quê?
- ➡ Como os erros dos alunos podem servir de pista para o professor organizar o que vai ensinar de ortografia? Para explorar esta questão é interessante que os professores, mais uma vez, analisem textos de seus alunos. Comparar textos produzidos por um mesmo aluno em diferentes épocas do ano permitirá também observar os avanços e as dificuldades que se mantiveram na trajetória de aprendizado.

- ➡ Quando o aluno sabe que seu texto vai ser divulgado, exposto e portanto lido por outras pessoas, preocupa-se em escrever corretamente e apresentar um trabalho caprichado? Por quê? Nós, adultos, escrevemos com mais cuidado algo que sabemos que será lido por outras pessoas?
- ➡ Por que a alternativa tradicional do professor corrigir as tarefas dos alunos fora da aula (em casa, por exemplo) não parece surtir efeito?
- ➡ Por que os alunos copiam até mais de uma vez a forma certa das palavras em que se enganaram e logo depois cometem os mesmos erros?
- ➡ Em que o “ditado interativo” apresentado no vídeo se diferencia do ditado convencional? Como o aluno participa em cada tipo de ditado? Que cuidados o professor tem num e noutra caso?

O vídeo reserva um espaço para uma discussão sobre o papel do dicionário na aprendizagem de palavras com questões ortográficas de tipo irregular. Esta é uma ótima oportunidade para os professores participantes discutirem suas experiências de utilização dos dicionários disponíveis na escola:

- ➡ Os dicionários estão sendo usados no dia-a-dia?
- ➡ Os alunos ainda têm dificuldades em localizar palavras cuja grafia ou significado desconhecem?
- ➡ Que atividades têm feito para ajudar os alunos a aprender a usar o dicionário?



Após a exibição

Os três programas não esgotarão as dúvidas e curiosidades dos professores. Alguns acordos precisam ser feitos para dar continuidade à busca coletiva por um ensino mais eficiente de ortografia. Nesta perspectiva, sugerimos que professores de uma mesma série, por exemplo, combinem fazer um levantamento dos principais erros que os alunos de suas turmas estão cometendo. Voltando a observar as produções escritas dos alunos, poderão registrar:

- Quais os erros mais freqüentes sobre dificuldades regulares? Exemplos: troca de R por RR, troca de M por N no final de sílabas nasais, erros na escrita do U final de verbos no passado, trocas entre o AM ou ÃO também no final de flexões verbais, etc.
- Quais os erros sobre dificuldades irregulares mais freqüentes em palavras que os alunos estão freqüentemente escrevendo e que por isso precisam aprender? Exemplos: troca de C por S ou SS, troca de G por J, troca de CH por X, omissão do H inicial, etc.

De posse desses dados de observação os professores poderão reunir-se novamente e tomar decisões sobre as dificuldades ortográficas que vão priorizar naquela unidade ou naquele semestre. Durante estas reuniões é fundamental socializar e discutir as experiências que estão pondo em prática quando optam por fazer um ensino reflexivo e sistemático de ortografia. De modo cooperativo, poderão partilhar suas vivências e aperfeiçoar as alternativas de trabalho que mais ajudam os alunos a compreender as regras ortográficas e a consultar o dicionário nos casos em que não existem regras a serem compreendidas.

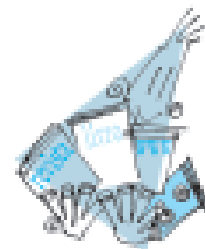


Observações

Não se pode esquecer que a ortografia da nossa língua é complexa. Um ensino de ortografia baseado na tomada de consciência, pelos alunos, das dificuldades que precisam superar, não pode incluir ansiedade ou a expectativa ilusória de que podem aprender tudo da noite para o dia, ou que podem deixar de errar rapidamente. O planejamento do ensino de ortografia, portanto, tal como mencionamos no item anterior, precisa ser feito periodicamente: unidade a unidade, ano a ano, durante todo o ensino fundamental e médio. E sempre partindo das reais necessidades de cada grupo de alunos.

Neste trabalho contínuo também é preciso lembrar que, para se envolver ativa e prazerosamente no aprendizado da ortografia, o aluno precisa se sentir livre da sombra das punições e ameaças que a escola sempre lhe aplicou quando ele, sem querer, se enganava ao grafar palavras. Finalizando, lembramos que este é um tema permanente para a reflexão dos professores:

Por que não dá para conciliar um ensino de ortografia sistemático e baseado na reflexão com a prática de "tirar pontos" ou punir os alunos que continuam demonstrando ter dificuldades ortográficas?



Para saber mais

LIVROS

MORAIS, ARTUR GOMES DE. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

MORAIS, ARTUR GOMES DE (ORG.). *O Aprendizado da Ortografia*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1999.

REVISTAS

Projeto: Revista de Educação. nº. 0. Ortografia.
Porto Alegre: Ed. Projeto, 1998.

VÍDEOS

Como é que se escreve entendendo o erro ortográfico? PROFA: Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. MEC-SEF, Módulo 3, programa nº 3

Como é que se escreve ensinando ortografia? PROFA: Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. MEC-SEF, Módulo 3, programa nº 3

Convívio Escolar

Proposta 1

Eliane Mingues

Vídeos utilizados:

Série PCN na Escola – Convívio Escolar

- * Toda criança na escola (12'28")
- * Pais – inimigos ou aliados? (10'08")
- * Violência da escola (10'39")
- * Direitos e responsabilidades (10'06")

Introdução

Professores, alunos e os outros atores se encontram e se reúnem diariamente nas escolas deste Brasil para aprendizagens essenciais, para trocar idéias, para aprender sobre o exercício da cidadania. Este é o motivo principal para que o espaço escolar seja o foco de uma atenção especial por parte de todos que trabalham com educação. É na escola que se pode começar, desde muito cedo, a **“formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem e principalmente transforma-la”**.

Hoje é tido como indiscutível que **“lugar de criança é na escola”**, mas nem sempre foi assim: esse direito foi conquistado ao longo dos séculos. Ao mesmo tempo, podemos constatar que

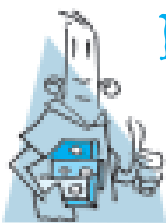
Parâmetros Curriculares Nacionais – Introdução, pg. 33

este direito não veio acompanhado de toda a qualidade que deveria, o que nos leva a perguntar de que maneira poderemos garanti-lo da melhor maneira possível.

Acreditamos que esse tema merece a reflexão de todos os envolvidos com o espaço escolar. Refletir sobre a melhoria do convívio escolar, porém, não quer dizer que propor aos diretores, supervisores e professores que modifiquem suas práticas cotidianas imediatamente ou que transformem a maneira de desenvolver o seu currículo. O que se espera é a criação de um espaço onde se possa analisar as problemáticas da escola, onde se possa encontrar novas relações com o conhecimento e onde se possa incorporar esse aprendizado à sala de aula. O trabalho conjunto favorece, enfim, a reflexão sobre o projeto educativo de cada escola.

Conteúdos

- * Uma escola de melhor qualidade para todos – possibilidades de mudança.
- * A contribuição possível dos pais na formação de seus filhos.
- * Trabalho infantil e escola: uma combinação que não combina!
- * Exclusão: como acabar com este mal?
- * O que significa construir um projeto educativo?



Preparação

Gostaríamos de propor três abordagens preparatórias para os vídeos em questão, pois dessa forma o trabalho será melhor direcionado e a reflexão mais aprofundada.

Primeira abordagem:

Antes da exibição dos vídeos o coordenador pode colocar no mural da sala dos professores o texto abaixo:

só por curiosidade...

- ✓ Você sabia que durante muitos séculos, os adultos – pais, mães, familiares e amigos se encarregavam de educar suas crianças? Não se pensava, no mundo europeu, em uma instituição especial para educar, em uma escola para reunir as crianças. Isso quer dizer que ninguém poderia supor que **“lugar de criança é na escola”**.
- ✓ Você sabia que os primeiros colégios não dispunham de um espaço especial, diferenciado? Sabia que o mestre se instalava em uma sala dentro ou na porta de uma igreja, ou numa sala alugada em alguma universidade, e lá ficava esperando pelos alunos, como um vendedor à espera de seus fregueses?
- ✓ Você sabia que a escola medieval acolhia sem diferenciar crianças, jovens ou adultos que estivessem precisando de instrução técnica, de formação moral e social e que, portanto, a idade para ir a escola era qualquer uma?
- ✓ Você sabia que a relação entre infância e escola é, na verdade, fruto das grandes transformações que caracterizam a época moderna? Que a visão de infância e de que a escola seria um lugar privilegiado para ela não ocorreu de um momento para outro, nem se estendeu homogeneamente por todos os países e por todas as classes sociais? Que a escola foi objeto de reivindicações e de lutas, até se tornar um direito de todas as crianças, independentemente de classe social, gênero, raça, etnia ou religião?

Depois da leitura desse texto, o coordenador pode solicitar aos professores que façam uma reflexão comparativa sobre o que continua como no passado e o que se transformou na escola atual.

Feita a análise, o coordenador pode avançar, sistematizando:

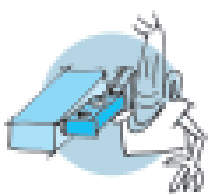
- Quais as possibilidades reais de melhoria?
- Quais os maiores resquícios de uma escola ainda pouco democrática?
- Como transformar valores, atitudes e possibilitar que todos os alunos possam aprender e conviver num ambiente escolar saudável?

Segunda abordagem:

Antes de se assistir aos vídeos, o coordenador pode reunir os professores para propor um atividade coletiva: levantar hipóteses, pesquisar e anotar quais são os sonhos para o futuro dos alunos que freqüentam a sua escola e quais as projeções deles, professores, para esse futuro. Um confronto das expectativas dos alunos e dos professores pode ser bastante chocante: pode demonstrar que não existe a melhor convergência entre elas ou, pelo contrário, pode indicar que todos andam na mesma busca - de formar cidadãos cada vez mais competentes e aptos a atuar na sociedade.

Terceira abordagem:

Por fim, o coordenador pode propor que os professores discutam – ou reflitam individualmente – sobre a imagem que os pais de alunos têm de seus filhos e comparar os anseios e desejos de todos para ver se há coerência entre a formação que a escola oferece às crianças e aquilo que se espera que a escola faça.



Exibição

O coordenador pode fazer pausas durante a exibição para que os professores façam anotações e discutam alguns pontos, mantendo as abordagens sugeridas anteriormente.

Primeira abordagem:

Anotar, durante a exibição do vídeo “**Toda criança na escola**”, as seguintes idéias:

- A idéia de infância
- A importância da instituição “escola” nos dias atuais
- Questões históricas que ainda hoje estão presentes no cenário escolar.

Propostas para sistematização:

- Que conhecimentos novos o vídeo trouxe?
- Qual a relação que se pode fazer entre esses conhecimentos e a vida na escola como ela é?

Segunda abordagem:

Anotar, durante a exibição dos vídeos “**Violência na escola**” e “**Direitos e responsabilidades**”:

- Quais as idéias que surgem a respeito do futuro dos alunos?
- Como os professores podem traçar o destino de seus alunos?

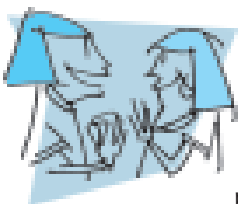
Terceira abordagem:

Durante o vídeo “**Pais, inimigos ou aliados?**”, refletir sobre as formas de humilhação e castigo. Antigamente havia castigos como a palmatória, ajoelhar no milho, usar chapéu escrito “burro” e outras violências e humilhações explícitas. Atualmente estas ações foram expulsas da escola, mas será que o castigo pode aparecer travestido com outras roupagens?

Propostas para sistematização:

- Será que o olhar pode ser uma forma de castigo?
- E o fato de se falar coisas nas frente dos alunos como se fossem surdos?
- A repetência pode ser encarada em muitos casos como uma forma de violência?

- ➡ Existem frases que nunca deveriam ser ditas na frente dos alunos?
- ➡ Analisar o cotidiano da escola para questionar o quanto ela pode também ser violenta, principalmente com alguns alunos.



Após a exibição

O coordenador pode produzir uma síntese de cada reunião feita até então. Depois, pode pedir aos professores uma reflexão individual e depois coletiva, propondo soluções para os problemas levantados.

Propostas para sistematização:

- ➡ Comparar as sínteses finais com as idéias iniciais produzidas a partir de cada proposta de trabalho.
- ➡ Buscar nas referências teóricas mais subsídios para a resolução de possíveis problemas
- ➡ Desenvolver um projeto como o do [anexo 1](#).
- ➡ Preencher o questionário do [anexo 2](#) a fim de avaliar as condições gerais da escola e traçar metas para sua melhoria.



Observações

Acreditamos que para promover uma efetiva transformação e conseqüente melhoria das escolas será preciso continuar o processo iniciado com a discussão dos vídeos. Sugerimos aqui as atitudes necessárias para que isso ocorra de fato:

- ✓ Envolvimento de todos com as discussões levantadas pela equipe.
- ✓ Dedicar-se ao estudo de textos teóricos para ampliar os conhecimentos e observações da equipe.
- ✓ Planejar e participar das atividades propostas, compreendendo

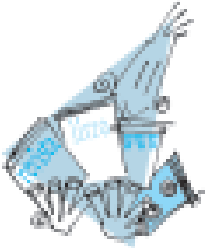
que o trabalho realizado trará benefícios profissionais para todos os envolvidos.

- ✓ Cooperar para que as ações programadas possam ser realizadas na escola e fora dela, garantindo o tempo e o espaço necessários e observando se as mesmas não estão se sobrepondo às atividades já planejadas na própria escola.
- ✓ Ter disponibilidade para trabalhar em equipe fornecendo sempre que preciso informações e permitindo observações em sala de aula, acompanhamento de reuniões e participação, quando necessária, nos horários de planejamento.
- ✓ Realizar reuniões de estudo.
- ✓ Produzir sistematizações sobre o trabalho realizado.
- ✓ Realizar as leituras e atividades propostas pela coordenação.

Expectativas de aprendizagem

Espera-se que assistindo aos vídeos, lendo os textos indicados, e discutindo e sistematizando conhecimentos, a escola possa avançar nos seguintes aspectos:

- ✓ Desenvolvimento de boas situações formativas e de atividades permanentes, como possibilidade de se produzir mudanças significativas dentro da escola – mudança de aparência, de atitudes e de valores.
- ✓ Construção de uma prática de parceria entre todos que fazem parte da escola: supervisores, professores, equipe de apoio, pais e alunos na construção efetiva de uma equipe de trabalho colaborativa.
- ✓ Uso de boas referências teóricas que ajudem na tomada de decisões para a melhoria da qualidade do convívio escolar.
- ✓ Acreditar na máxima de que é possível e desejável ter uma escola bonita, agradável e interessante de se estar no dia a dia e onde se respiram valores e atitudes condizentes com o exercício da cidadania.



Para saber mais

Textos teóricos de referência:

Todos os materiais citados abaixo trazem contribuições para o debate sobre o significado de uma escola de melhor qualidade. Ao ler os textos propostos, devemos analisar quais as suas contribuições práticas e depois colocá-las em discussão na escola.

Ler os textos antecipadamente e organizar algumas perguntas prévias pode ser uma boa estratégia de trabalho formativo na escola. O coordenador pode fazer uma pequena resenha dos textos e anexar à mesma uma proposta de trabalho em grupo ou individual. Desta maneira, os professores poderão dar suas contribuições pessoais durante as discussões posteriores.

LIVROS

Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental – Introdução, Temas Transversais

Ética e cidadania no convívio escolar - uma proposta de trabalho. MEC 2000

Ética para meu filho – Fernando Savater – ed. Martins Fontes 1992

O valor de educar – Fernando Savater – ed. Martins Fontes 1997

Educar é uma tarefa de todos nós – guia para a família participar, no dia-a-dia, da educação de nossas crianças – publicação do MEC – junho de 2002



Anexos

Anexo 1

Projeto

Escola e família: uma relação fundamental

Público alvo: alunos, professores, demais funcionários da escola e familiares.

Objetivo central: valorizar as relações entre família e escola

Justificativa

“Não só os pais contam com a escola, mas esta, igualmente, conta com eles. Por isto, a instituição escolar precisa conversar com eles, dar orientações, promover palestras...”²

A família e a escola estabelecem uma relação de parceria na educação da criança e do jovem. Esta parceria, imprescindível na formação do sujeito, precisa ser pensada, organizada e desenvolvida de forma a preservar as ações e responsabilidades próprias de cada instituição. Necessita ser revista também para que venha, efetivamente, promover ações direcionadas ao desenvolvimento pleno do aluno e do filho.

As atividades relacionadas com o tema “Escola e família: uma relação tão fundamental” tem como objetivo promover a parceria entre a escola e a família, estreitar os vínculos entre ambas, otimizar ações que já acontecem na escola e programar outras nas quais se evidencie a valorização de

² Lino de Macedo, no livro *Reunião de Pais – Sofrimento ou Prazer?*, Ed. Casa do Psicólogo.

cada família e sua trajetória sociocultural.

Nesta rede de relações entre a família e a escola acontecem aprendizagens que necessitam do envolvimento de todos os seus agentes, promovendo uma relação de diálogo, compromisso, comunicação permanente. Nesse contexto vigoram os valores democráticos e os pais e educadores são modelos para as crianças e os jovens construir suas próprias referências éticas e os valores que irão conduzi-los ao longo da vida em sociedade.

Neste contexto, toda equipe escolar terá a oportunidade de repensar a relação família - escola através do planejamento de diferentes encontros, em especial a reunião de pais.

A reunião de pais é um momento privilegiado não apenas para a troca de informações entre a família e a escola mas também para a construção de referências comuns que favoreçam o desenvolvimento da criança e do jovem.

O que a equipe escolar pode fazer?³

- Organizar palestras destinadas aos pais sobre temas relacionados à educação das crianças e dos jovens.
- Planejar **junto com a equipe de professores** as reuniões de pais.
- Elaborar estratégias que otimizem a comunicação entre a escola e os familiares.
- Organizar encontros culturais nos quais os pais são convidados a compartilhar, tocar instrumentos, declamar poesias, contar histórias, contar “causos”, assistir a uma peça teatral ou participar de sessões de cinema.
- Programar oficinas nas quais os pais ensinem às crianças a fazer algo (oficina de brinquedos, de culinária, de horta, etc.).

³ Estas sugestões fizeram parte de um projeto desenvolvido pelo CEDAC, no Programa Escola que Vale, em 2001, com diretores e supervisores dos municípios de Açailândia (MA), Marabá e Parauapebas (PA), Catas Altas (MG), e João Neiva (ES).

- Organizar encontros com os familiares nos quais eles possam contar suas histórias de vida e/ou mostrar relíquias de família, relatando as histórias desses objetos para os filhos e alunos.
- Organizar encontros esportivos com pais e funcionários da escola (partida de futebol, queimada, gincana, caminhadas coletivas, etc.).
- Organizar comissões de pais para o embelezamento da escola: jardinagem, pintura do muro em volta da escola ou mutirão para refazer a “cerca” de proteção da escola, etc.
- Organizar eventos por meio dos quais os familiares possam se inteirar das atividades desenvolvidas em sala de aula com seus filhos.

Anexo 2

Questionário

Este questionário é um bom ponto de partida para se pensar nas condições gerais da escola e traçar algumas metas.

Para saber se a sua escola está bem ou mal quanto à promoção do convívio escolar, marque uma das opções de cada item. Procure ser o mais sincero possível e, depois da tarefa feita, confira sua pontuação para saber o que se pode pensar da sua escola.

Escola de qualidade: você já pensou se a escola em que você trabalha se enquadra nesta definição?

✿ ESPAÇOS GERAIS

1. O espaço é sempre cuidado e zelado por todos que frequentam a escola?

- A - () sim, sempre é cuidado e zelado por todos
- B - () muitas vezes é cuidado e zelado por todos
- C - () às vezes é cuidado e zelado por todos
- D - () nunca é cuidado e zelado por todos

2. A sala dos professores é um lugar organizado e que comunica trabalho, ou um lugar que mais se parece com um bazar?

- A - () sim, sempre é organizado e comunica trabalho
 B - () muitas vezes é organizado e comunica trabalho
 C - () às vezes é organizado e comunica trabalho
 D - () nunca é organizado e comunica trabalho

3. O jardim ou canteiros estão em ordem e bonitos?

- A - () sim, sempre estão em ordem
 B - () muitas vezes estão em ordem e bonitos
 C - () às vezes estão em ordem e bonitos
 D - () nunca estão em ordem e bonitos

4. Há nos murais ou paredes da escola trabalhos dos alunos?

- A - () sim, sempre há nos murais ou paredes trabalhos dos alunos
 B - () muitas vezes há nos murais ou paredes trabalhos dos alunos
 C - () às vezes há nos murais ou paredes trabalhos dos alunos
 D - () nunca há nos murais ou paredes trabalhos dos alunos

5. Você acha que os professores e alunos gostam e estão satisfeitos de pertencer à sua escola?

- A - () sim, sempre gostam e estão satisfeitos
 B - () muitas vezes gostam e estão satisfeitos
 C - () às vezes gostam e estão satisfeitos
 D - () nunca gostam e estão satisfeitos

6. Que impressões você acha que famílias e comunidade têm da escola?

- A - () ótimas impressões
 B - () boas impressões
 C - () razoáveis impressões
 D - () péssimas impressões

*** ALIMENTAÇÃO**

7. A cozinha é um lugar gostoso e agradável de se freqüentar na sua escola?

- A - () sim, é muito gostoso e agradável
 B - () muitas vezes é gostoso e agradável
 C - () algumas vezes é gostoso e agradável
 D - () nunca é gostoso e agradável

8. Todas as crianças têm prato e talher para comer?

- A - () sim, todas têm
 B - () muitas têm
 C - () algumas têm
 D - () nenhuma tem

9. As crianças se servem ou são servidas?

- A - () sim, sempre se servem
 B - () muitas vezes se servem
 C - () às vezes se servem
 D - () nunca se servem

10. Como a comida é servida? Há cuidado nesse servir? Quais?

- A - () sim, sempre há cuidado nesse servir
 B - () muitas vezes há cuidado nesse servir
 C - () às vezes há cuidado nesse servir
 D - () nunca há cuidado nesse servir

11. Há água tratada e disponível para as crianças tomarem durante o período de aula?

- A - () sim, sempre
 B - () muitas vezes
 C - () às vezes
 D - () nunca

12. Como as crianças tomam água? Há canecas ou copos em número suficiente para elas se servirem?

- A - () sim, sempre há canecas ou copos em número suficiente
 B - () muitas vezes há canecas ou copos em número suficiente
 C - () às vezes há canecas ou copos em número suficiente
 D - () nunca há canecas ou copos em número suficiente

✱ **HIGIENE - BANHEIROS**

13. Há água nos banheiros?

- A - () sim, sempre há água
 B - () às vezes falta, mas é raro
 C - () muitas vezes falta água
 D - () nunca tem água na escola

14. Há papel higiênico para os alunos todos os dias?

- A - () sim, sempre há papel higiênico
 B - () às vezes falta, mas é raro
 C - () muitas vezes falta papel higiênico
 D - () nunca tem papel higiênico

15. Há sabão e toalhas para os alunos lavarem e enxugarem as mãos?

- A - () sim, sempre há sabão e toalhas
 B - () às vezes falta, mas é raro
 C - () muitas vezes falta sabão e toalhas
 D - () nunca tem sabão e toalhas

16. Há espelho no banheiro?

- A - () sim, sempre há espelho nos banheiros
 B - () muitas vezes há espelho
 C - () às vezes não há espelho
 D - () nunca houve espelho

17. Há cestos no banheiro? O lixo é colocado neles?

- A - () sim, há e sempre o lixo é colocado em cestos
 B - () às vezes não há cestos
 C - () muitas vezes não há cestos
 D - () nunca houve cestos para o lixo do banheiro

18. Os banheiros são limpos durante os períodos de aula?

- A - () sim, sempre são limpos durante os períodos de aula
 B - () às vezes são limpos durante os períodos de aula
 C - () muitas vezes não são limpos durante os períodos de aula
 D - () nunca são limpos durante os períodos de aula

19. A descarga funciona?

- A - () sim, sempre funciona
 B - () às vezes funciona
 C - () muitas vezes não funciona
 D - () nunca funciona

✱ **HIGIENE - GERAL**

20. A caixa d'água da escola está limpa?

- A - () sim, sempre está limpa
 B - () muitas vezes está limpa
 C - () às vezes está limpa
 D - () nunca está limpa

21. A água é tratada?

- A - () sim, sempre é tratada
 B - () muitas vezes é tratada
 C - () às vezes é tratada
 D - () nunca é tratada

22. A escola é limpa?

- A - () sim, sempre está limpa
 B - () muitas vezes está limpa
 C - () às vezes está limpa
 D - () nunca está limpa

23. Há cestos de lixo na sala de aula e nas áreas coletivas?

- A - () sim, sempre há cestos de lixo pela escola
 B - () muitas vezes há cestos de lixo pela escola
 C - () às vezes há cestos de lixo pela escola
 D - () nunca há cestos de lixo pela escola

24. Há mato na escola?

- A - () nunca há mato
 B - () às vezes há mato
 C - () muitas vezes há mato
 D - () sim, sempre há mato

PONTUAÇÃO:

Para saber a que grupo você e sua escola pertencem
some seus pontos!

A = 3 pontos**B = 2 pontos****C = 1 ponto****D = 0 ponto**

Mais de 66 você pertence ao grupo 1
 De 42 a 65 você pertence ao grupo 2
 De 18 a 41 você pertence ao grupo 3
 Menos de 17 você pertence ao grupo 4

Grupo 1

Parabéns!!! Que exemplo de trabalho! Todas as pessoas envolvidas na sua escola devem ter muito orgulho de fazer parte desta escola.

Fica claro que, para além dos aspectos de infra-estrutura, temos aqui uma equipe bastante atuante e envolvida com o trabalho que realiza, que acredita na educação e faz de tudo para ter uma escola agradável, cuidada e organizada. O convívio escolar prima pela qualidade. Como vocês conseguem realizar tantas melhorias? De onde tiram os recursos necessário para manter tudo assim em ordem o tempo todo?

E a comunidade, como ajuda nesta parceria? Aqui no Brasil ela certamente representará um importante modelo de escola bem sucedida.

Grupo 2

Que bom o trabalho que você e sua equipe vem desenvolvendo na escola em que atuam! Apesar de faltar alguns itens, pode-se considerar que o trabalho é muito bem realizado e conduzido.

Você já traçou metas para melhorar o pouco que falta para tudo ser o mais perfeito possível, inclusive o convívio escolar?

É notável o tanto de conquistas que já foram efetivadas. A viagem já está adiantada, falta pouco para vocês chegarem ao destino final. Não desanimem. Troquem idéias com parceiros mais experientes e procurem ver como estes podem ajudá-lo...

Mas não desanime nunca! Falta muito pouco para sua escola ser considerada uma excelente escola pública de qualidade.

Grupo 3

Quanto trabalho esta equipe terá pela frente, hein? Faltam muitos e muitos itens para sua escola decolar no “ranking” das boas escolas públicas do ponto de vista da infra-estrutura, atendimento aos alunos e convívio escolar. Vocês já pensaram em como conseguir melhorar este quadro? Já pediram ajuda? Como pensam em atuar daqui para a frente, visto que para ser considerada uma escola de qualidade faltam tantos empreendimentos? Arregaçar as mangas e começar a procurar parcerias pode ser um bom início de trabalho, o que acham? Certamente na sua região deve haver pessoas e instituições com vontade de fazer algo. Boa sorte e bom trabalho com as muitas conquistas que vocês tem pela frente! E lembre-se: desespere, jamais!

Grupo 4

Por onde será possível começar? Parece que está tudo por fazer, não é mesmo? Como não desanimar e não desistir apesar da situação tão caótica e precária que vocês e sua comunidade enfrentam? Que tal fazer um plano de ação emergencial? Listar tudo que falta e começar a pedir ajuda (aliás, muita ajuda...) pode ser um ótimo começo. Não vai ser possível, ao que parece, fazer tudo ao mesmo tempo, mas definir prioridades é o primeiro passo. Será que contando com a sua comunidade o trabalho poderá parecer mais leve, e não impossível? Convide-a para juntos arregaçarem as mangas e começarem a dar forma numa escola melhor organizada, mais bonita e mais saudável de se estar. Não vai ser fácil, mas poderá ser muito animador começar a ver resultados sendo produzidos, o que vocês acham? Boa sorte para você e para sua equipe de trabalho!

Proposta 2

Ana Rosa Abreu

Vídeos Utilizados:

Série PCN na Escola – Convívio Escolar

- ✦ Toda criança na escola (12'28")
- ✦ Violência da escola (10'39")
- ✦ Pais – inimigos ou aliados? (10'08")
- ✦ Direitos e responsabilidades (10'06")

Introdução

Os quatro vídeos abordam questões de extrema relevância para a atuação dos professores, questões estas que raramente são consideradas objetos de estudo nas ações de formação, ou seja, conteúdos. Possibilitam sensibilizar, problematizar e orientar os professores e demais profissionais da educação a respeito da vida de seus alunos e pais de alunos fora da escola. Esta é a maneira pela qual eles poderão poderem checar as idéias que possuem uns sobre os outros. Sabemos que essas idéias, conscientes ou não, marcam as relações dentro da escola, refletindo nas relações que os alunos e seus pais estabelecem com esta instituição.

As atividades aqui propostas têm os seguintes objetivos:

- ✦ Obter informações sobre a realidade de muitos alunos oriundos de classes sociais desfavorecidas
- ✦ Informar e proporcionar reflexão sobre o papel histórico da escola na inclusão de todos os alunos

- * Promover uma reflexão individual sobre as idéias que cada um tem sobre seus alunos, suas vidas e a vida de seus pais.
- * Sensibilizar os professores e outros profissionais da escola para o cuidado com as expectativas e preconceitos que podem estar permeando as suas relações com os alunos.

Temas para reflexão:

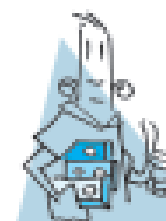
Tanto em **“Toda Criança na escola”**, como em **“Direitos e responsabilidades”** fica clara a perspectiva histórica da instituição escolar e dos problemas sociais que provocam a exclusão dos menos favorecidos.

É importante que os professores saibam que mesmo com todos os esforços e com a grande ampliação do atendimento da escola pública, ainda temos crianças que precisam trabalhar fora de casa ou mesmo ajudar seus pais nos afazeres domésticos. Estas crianças existem e muitas delas estão também nas salas de aula.

Como as condições de vida de muitas famílias não são adequadas, a manutenção destas crianças na escola é que vai garantir o seu direito à infância. Para que as crianças não abandonem a escola, é necessário o desenvolvimento de políticas sociais, mas não só. É preciso também que a escola possa acolhê-los em todas as suas particularidades. Não se pode ignorar a situação social e cultural destas crianças e tratá-las segundo um estereótipo predefinido do bom aluno, no qual elas geralmente não conseguem se encaixar.

No vídeo **“Direitos e Responsabilidades”**, a questão social da criança trabalhadora é retomada. Ficamos sabendo que 70% das crianças trabalhadoras que estudam acabam repetindo de ano e se sentindo excluídas, ainda que permaneçam dentro da escola. Por outro lado, o vídeo **“Violência na escola”** mostra que muitos que chegam à escola já são vencedores, pois conseguiram superar as dificuldades de sobrevivência nos primeiros anos de vida, em situação de miséria. Sabe-se que elas apostam na escola como

uma experiência fundamental de vida, mas nem sempre a escola retribui na mesma moeda: não aposta nos alunos, não acredita que eles possam ter sucesso como alunos e cidadãos.



Preparação

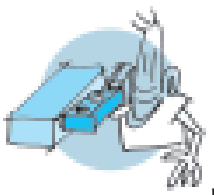
Pensar em cada um de seus alunos e imaginar, pelo que se sabe deles, o que estarão vivendo daqui a 20 anos. Estarão trabalhando em quê? Terão constituído uma família? Terão terminado os estudos? Como serão como pessoas?

Estas são as primeiras questões que o coordenador deve discutir com os professores. A idéia é que os professores entrem em contato com a imagem que possuem de seus alunos: se são positivas, se são negativas apenas para alguns, e por que são negativas ou positivas. Esta conversa inicial pode fazer com que os professores percebam o quanto eles apostam ou não em seus alunos e, principalmente, quais as razões destas previsões.

Outra pergunta que pode ser feita aos professores é:

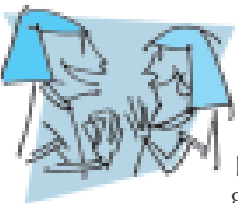
O que imaginam que seus alunos fazem quando não estão na escola? Como é o dia deles antes de chegarem à escola e depois que saem dela?

Com estas questões ficará claro o quanto os professores sabem a respeito da vida destas crianças ou adolescentes. Tomarão conhecimento da existência de um contexto social e familiar determinante na vida destes alunos, que nem sempre é considerado ou conhecido pela escola.



Exibição

Ao assistir aos vídeos não é necessário parar para tecer comentários ou fazer discussões importantes. O que pode e deve acontecer é uma rodada de comentários depois de cada vídeo para socializar as repercussões em cada um dos professores. Não é necessário que todos falem, mas é importante que quem esteja coordenando a atividade crie um clima favorável para depoimentos e reflexões sinceras.



Após a exibição

Os objetivos desta atividade não são passíveis de serem avaliados, pois as aprendizagens objetivas não são as mais relevantes. O importante é que estes vídeos possam transformar as idéias que os professores têm sobre seus alunos e seus pais e, por isso, não é recomendável concluir a atividade em uma única reunião. Para uma tomada ou mudança de atitudes é preciso combinar uma pesquisa sobre as famílias dos alunos: quem são seus pais, se trabalham, onde trabalham, qual é o papel destas crianças dentro de suas famílias etc. Essa discussão deve ser retomada em diferentes momentos, trazendo as atitudes dos alunos em sala de aula e relacionando-as com suas condições de vida.



Conclusão

Quando tentamos conversar com os professores a respeito de valores, atitudes e idéias que refletem algum tipo de preconceito, é natural que eles se sintam resistentes à discussão. Geralmente eles se defendem afirmando:

- ✓ que alguns alunos não terão mesmo condições de se dar bem na vida

- ✓ que a escola pouco pode fazer por eles
- ✓ que não têm preconceitos
- ✓ que compreendem a realidade dos alunos e tratam igualmente bem a todos.

O mais importante não é que o professor declare suas boas intenções, mas sim que tenha um olhar mais cuidadoso para com seus alunos, que esteja mais atento às suas atitudes para com eles e, sobretudo, esteja pronto a ajudá-los a se sentirem capazes de estudar e ter sucesso na vida.



Para saber mais

REVISTAS

Pátio – Revista Pedagógica

Nº 5: Temas Transversais na Educação - conceitualização e alternativas

➤ O currículo e os temas transversais- misturar água e azeite ou procurar uma nova solução? Juana Sancho

➤ A educação moral. Juan Delval

➤ Integração x Exclusão – Educação para Todos. Maria Tereza Mantoan

Nº 6: Pluralidade Cultural – a diversidade na educação democrática

➤ Consciência mundial, educação e pluralidade: fundamentos da Cultura da paz. Roseli Fischmann

Nº 11: Fracasso escolar O que é? Quem fracassa?

➤ Repetência escolar: falha do aluno ou falha do sistema? Rosa Maria Torres

- O fracasso escolar hoje. Lino de Macedo
- Reconstruindo auto-estimas para poder aprender (trabalho realizado em Comodoro Rivadavia, Argentina) Catalino Acevedo e Patrícia Moyano

Nº 13: Vivenciando valores na escola - Quais e Como?

- Formação Ética - direitos, deveres e virtudes. Yves de La Taille
- Como educar em valores na escola. Miguel Zabala

Nº 15: As diferentes dimensões do aprender

- Acolhimento: uma condição para a aprendizagem. Ana Rosa Abreu

VÍDEOS

Programa Salto para o Futuro – Série “Inclusão ou Exclusão?”. Produção TV Escola/TVE. Rio de Janeiro.

Temas Transversais

Proposta 1

Lídia Rosenberg Aratangy

Vídeos utilizados:

Série Parâmetros Curriculares Nacionais:

- ✦ Transversalidade (16'03")
- ✦ Ética (14'58")
- ✦ A Orientação que se faz na Escola (14'30")
- ✦ Saúde (11'52")

Introdução

As funções da escola e do professor têm de acompanhar as mudanças de expectativas da comunidade e os desafios que ela enfrenta. A escola não é mais o principal meio de transmissão de informações, pois os alunos estão em contato com canais de comunicação mais eficientes do que os de uma sala de aula. Apesar disso, a escola continua sendo um espaço de reflexão e crítica, que fornece os parâmetros para que os alunos possam desenvolver uma **escuta seletiva** e uma **percepção lúcida**, armas que vão defendê-los do bombardeio de informações a que estão expostos.

As normas que regem o convívio escolar e o relacionamento entre professores, alunos e funcionários servem de modelo para a formação de conceitos e parâmetros do processo de socialização dos alunos e devem ser reveladas e discutidas abertamente, em vez de pairar como fantasmas pela vida escolar. Num dos vídeos, aliás, a apresentadora se comporta como fantasma, pois

atravessa a sala de aula como se fosse invisível. Não é isso que desejamos, e sim um relacionamento verdadeiro e produtivo entre todos os participantes da escola.

Ao propor uma discussão sistematizada dos vídeos, esperamos ajudar o professor a acolher, dentro da sala de aula, as “questões fantasmas” que sempre estiveram confinadas aos pátios e corredores da escola. E sugerimos que a Ética se torne o eixo dessa discussão, pois é um tema que atravessa todos os outros. Nesse contexto, Ética se define como o sentido da responsabilidade de cada um para com o seu próprio bem-estar e o da comunidade. Alguns conteúdos valiosos surgem, então, se pensarmos na seguinte questão: **as atitudes da escola são coerentes com sua responsabilidade em promover e transmitir valores que visem esse bem-estar?**

Teoricamente falando, os educadores estão de acordo quanto aos valores que merecem ser preservados e transmitidos para promover o bem comum e respeitar a dignidade individual. No entanto, quando se observam as atitudes e comportamentos que a escola tolera (e, às vezes, até incentiva) dentro de seus muros, fica evidente a distância entre as crenças teóricas e as práticas do convívio. Pois bem, a discussão dos temas transversais provoca um olhar crítico sobre a distância que separa teoria e prática, o que é o primeiro passo para uma efetiva modificação de comportamento.

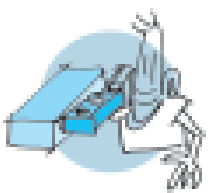
O ser humano não nasce bom nem mau. Nasce, isto sim, com a mais ampla gama de recursos que permitem exercitar o bem e o mal. É a vida, com suas infinitas possibilidades, que nos molda através das experiências e da elaboração que fazemos delas. A escola é, em muitos casos, a única oportunidade que uma criança tem de conhecer uma forma de convivência pautada no respeito e na justiça. Se dentro de seus muros ela se sentir humilhada e marginalizada, teremos com certeza alguma responsabilidade se algum dia essa criança se tornar marginal.



Preparação

Antes de assistir ao vídeo, o professor pode ler ou reler o regulamento que rege o funcionamento da sua escola, para depois responder e refletir, individualmente:

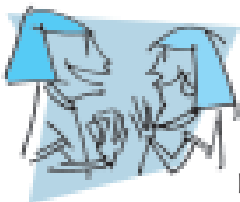
- * Você já conhecia esse regulamento?
- * Quando ele foi elaborado?
- * Quem participou do processo de elaboração do regulamento?
- * Quanto é ele divulgado e compreendido dentro da escola?
- * Escolha duas ou três normas que você considere especialmente importantes e discuta com colegas como essas normas são entendidas e aplicadas por eles.
- * Os funcionários (o porteiro, o pessoal da cantina, o pessoal da limpeza) conhecem o regulamento da escola?
- * Que relação existe entre cada item do regulamento e as atitudes concretas dentro da sala de aula? E no recreio?
- * Existem normas sobre a forma como os alunos devem se apresentar (roupas, sapatos, adereços) para entrar na escola?
- * Quem verifica a adequação da aparência do aluno?
- * Essa pessoa está a par das razões pelas quais essas normas foram estabelecidas?
- * Você se sente capaz de defender (e fazer cumprir) todos os itens do regulamento de sua escola?
- * O que você poderia fazer para provocar a mudança de alguma norma?



Exibição

Propomos que a exibição seja interrompida toda vez que o vídeo mostrar uma atividade na sala de aula. Procure colocar-se no lugar da professora e assistir a partir daí à discussão que se faz. Imagine que está no lugar da professora que coordena a roda de discussão sobre sexo, por exemplo. Prossiga com o vídeo, então, e interrompa novamente a exibição quando a atividade terminar, para se formular as seguintes questões (ou outras que lhe ocorram):

- * Você acha que a professora está à vontade para conversar com as crianças?
- * E as crianças, estão constrangidas ou desembaraçadas?



Após a exibição

Retome o regulamento da sua escola e releia, agora sob a luz das informações que o programa apresentou. Reflita sobre as seguintes questões:

- Você acha que as normas que regem o funcionamento de sua escola estão de acordo com uma visão ética?
- E o funcionamento da escola, é coerente com os valores que estão por trás das normas?
- Como você compara sua postura em sala de aula com a da professora que aparece no vídeo?
- A atitude dessa professora diante dos alunos é coerente com as recomendações dos especialistas que aparecem no vídeo? (por exemplo: a professora respeita a fala de seus alunos, é capaz de ouvi-los sem interromper? Ela responde diretamente as perguntas feitas por eles? Chama seus alunos pelo nome, olha-os nos olhos?

É capaz de controlar a atenção e garantir a participação de todos?)

- Você se sentiria à vontade se um professor promovesse uma conversa dessas, quando você estava nessa etapa de sua vida escolar?
- E agora, como professora, você se sentiria confortável na pele dessa professora?
- Você se sente preparado para lidar com as questões que os vídeos abordam?
- O que você poderia fazer para se preparar melhor?
- O que nós poderíamos fazer para ajudar o professor a se sentir mais preparado e confiante?



Conclusões

Os temas transversais talvez sejam a mais importante arma de que a escola dispõe para provocar as mudanças que desejamos no comportamento de nossos jovens. Todas as instituições (da família à empresa, passando pela Polícia, pelo Poder Judiciário e pelo Congresso Nacional) têm de funcionar dentro de parâmetros éticos e democráticos. Mas só a escola pode (e deve) refletir sobre esse funcionamento de modo consciente e contínuo.

Jovens que sabem lidar eticamente com as questões de saúde e sexualidade, que respeitam e valorizam a diversidade cultural e étnica que nos constitui, estarão de posse do mais valioso antídoto contra o veneno do cinismo. A escola que forma cidadãos é aquela que não permite jamais na boca de seus alunos a pergunta: “E eu com isso?” Essa é a pergunta que a escola não pode fazer, essa é a postura que o professor não pode ter.

A propósito, gostaríamos de fazer uma observação crítica a respeito dos vídeos, pois acreditamos que a reflexão crítica é parte do trabalho ético. É impossível não observar:

- ✓ Que a apresentadora parece um fantasma, atravessando salas e corredores como se não fizesse parte do mundo da escola (quan-

do justamente o que o programa quer ensinar é que tudo o que se passa na escola faz parte - ou deveria fazer - do projeto educacional).

- ✓ Que ela só não é fantasma quando malcriadamente interrompe a conversa entre a professora e os alunos (ainda bem que a professora não deixou que o aluno fosse interrompido e lhe devolveu imediatamente a palavra). Fantasma pode ser malcriado?
- ✓ Que a moça lava a mãos mal e porcamente (parece que na pia da escola não tinha nem sabonete nem toalha de mão) e ainda bebe água da torneira. Fantasma não tem dor de barriga?

Convidamos você a fazer sua própria crítica também, como parte de seu trabalho de reflexão a respeito dos vídeos.

Proposta 2

Vinicius Ítalo Signorelli

Vídeos utilizados:

Série Parâmetros Curriculares Nacionais:

- ✦ Transversalidade (16'03")
- ✦ Ética (14'58")

Outros materiais que os professores podem utilizar:

Série Parâmetros Curriculares Nacionais:

- ✦ Volumes de Temas Transversais - Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª séries ou
- ✦ Volume único de Temas Transversais para as 5ª a 8ª séries.

Introdução

A partir dos anos sessenta, as escolas de ensino fundamental e médio passaram a tratar de questões que não pertenciam a uma única disciplina curricular, tais como Meio Ambiente, Orientação Sexual e Ética. É o trabalho pedagógico com esses temas e questões que tem garantido a existência de trabalhos interdisciplinares nas escolas. O conceito de **Tema Transversal** surgiu quando alguns educadores perceberam que havia temas que a escola não podia mais ignorar e, mais do que isso, eram temas que não poderiam ser tratados por um único professor, mas precisavam ser abordados pela escola em seu planejamento pedagógico. Além dos três temas citados acima, outros se

tornaram Temas Transversais: **Trabalho e Consumo, Pluralidade Cultural e Saúde.**

Paralelamente à criação do conceito de **Temas Transversais** surgiu também a idéia de transversalidade. A transversalidade é uma orientação pedagógica para que cada professor, além de além de conhecer os problemas sociais tratados nos Temas Transversais, esteja atendo à presença desses temas nas aulas de sua disciplina específica. Nesse sentido, pode-se dizer que todo professor precisa estar atento para “**transversalizar**” os conteúdos com os quais trabalha em sua disciplina específica. Isso pode e deve acontecer, por exemplo, quando um professor de Ciências Naturais apresenta o problema ético que está relacionado ao uso do conhecimento científico na fabricação de armas. Um professor de matemática pode dar uma aula sobre tabelas e gráficos utilizando apenas números puros. Mas pode dar essa aula também a partir da leitura de um artigo de jornal que apresenta uma série de dados que possibilitam discutir um assunto relacionado aos Temas Transversais. Por exemplo, a análise de tabelas com os dados do censo 2000 do IBGE pode, além de ser um ótimo ponto de partida para o estudo de tabelas e gráficos, ser também uma excelente oportunidade para falar sobre a Pluralidade Cultural e a formação da população brasileira.

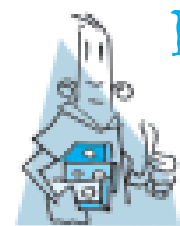
Um aspecto fundamental do trabalho com os Temas Transversais na escola é a preocupação dos educadores com a coerência. Se a escola discute a questão ética com seus alunos, é preciso que a escola seja um espaço para o desenvolvimento de condutas eticamente aceitáveis por parte de todos – não só de alunos, mas também de professores. Se a escola fala na importância da preservação do meio ambiente natural e dos cuidados que devemos ter com o ambiente em que vivemos, é evidente que a escola precisa ser um ambiente onde o trabalho educativo possa se desenvolver plenamente. Não é possível que um aluno leve a sério uma conversa sobre higiene em uma escola suja, com banheiros impossíveis de serem utilizados.

Para que essa coerência esteja presente no trabalho pedagógico da escola como um todo, os professores, independen-

temente da área em que trabalham e da idade de seus alunos, precisam conhecer o que trata cada Tema Transversal e porque ele foi escolhido para fazer parte da educação de nossos alunos.

Conteúdos

- * Discussão sobre transversalidade.
- * Discussão e planejamento sobre quais conteúdos podem ser transversalizados e como fazê-lo.
- * Avaliação e planejamento sobre a formação ética no convívio escolar.

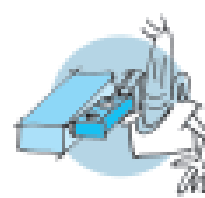


Preparação

Antes de assistir o vídeo **Transversalidade**, os professores podem desenvolver uma atividade de estudo, começando pela leitura do mesmo tema nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Temas Transversais. No material de 1ª a 4ª série esse tema é tratado no primeiro volume de Temas Transversais, chamado **Apresentação dos Temas Transversais e Ética.**

Após essa leitura, para se aproximar do tema, os professores podem fazer uma primeira discussão sobre a idéia de Transversalidade. Podem também utilizar para essa discussão o texto contido acima, no item ‘INTRODUÇÃO’.

Após essa discussão, o vídeo pode ser exibido.



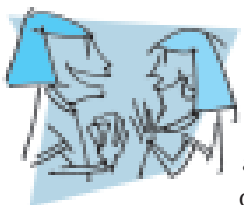
Exibição

O ideal é passar todo o vídeo uma primeira vez, para todos conhecerem as discussões levantadas pelo programa. Depois, numa segunda

exibição, os professores podem ir parando toda vez que alguém, na reunião, queira colocar alguma questão sobre o que está sendo afirmado, ou mostrado.

É muito importante que a equipe de professores assuma a preocupação de colocar em prática as idéias veiculadas pelos vídeos e pelos textos dos Parâmetros Curriculares Nacionais. As dificuldades para realizar esse tipo de trabalho educativo nas escolas são cada vez maiores, mas é importante lembrar que ações aparentemente muito simples e “pequenas” podem trazer resultados surpreendentes.

Quanto ao vídeo **Ética**, pode-se desenvolver uma atividade com a mesma dinâmica.



Após a exibição

Após a exibição do vídeo e das discussões, a equipe de professores pode elaborar uma lista de temas e conteúdos presentes no plano curricular da escola, que podem ser transversalizados, de acordo com o entendimento que o grupo construiu sobre o que é transversalizar o trabalho de sala de aula.

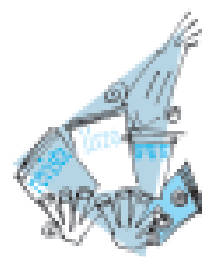
Com relação ao vídeo **Ética**, seria muito interessante se a equipe de professores pudesse analisar quais as questões éticas que podem estar interferindo no cotidiano escolar, principalmente no que se refere às relações entre professores e alunos.

Essa análise pode considerar os quatro conteúdos relativos a esse Tema Transversal propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ética: **respeito mútuo, solidariedade, justiça e diálogo**.

Ainda com relação ao vídeo sobre Ética, vale ressaltar uma fala do professor Yves de La Taille, na qual ela aborda as duas condições para que a escola possa trabalhar as questões éticas. Palavras do professor Yves de La Taille:

“É preciso, portanto, encontrar novas formas para a formação ética dos alunos. Eu sublinharia duas. A primeira, fazer com que os alunos se apoderem, racionalmente, dos valores e das normas morais. A segunda, cuidar do convívio escolar. Fazer com que a escola seja um lugar de convívio respeitoso e justo.”

A equipe de professores poderia, após a discussão do vídeo, analisar como anda o dia-a-dia da escola em termos de “convívio escolar”, no sentido abordado pelo professor Yves de La Taille. Será que seria possível, por meio de algumas providências simples, melhorar as condições para que os alunos possam se “apoderar, racionalmente, dos valores e das normas morais”?



Para saber mais

LIVROS

D'AMBROSIO, UBIRATAN. *Transdisciplinaridade.*, São Paulo, Editora Palas Athena, 1997.

AQUINO, JULIO GROPPA; GUIRADO, MARLENE; TAILLE, YVES DE LA. *Indisciplina na Escola – Alternativas teóricas e práticas.* São Paulo, Editora Summus 1996.

RIOS, TEREZINHA AZEREDO. *Ética e Competência.* 7ª edição, São Paulo, Editora Cortez, 1999 (Coleção “Questões da nossa época”, v. 16.).

MORIN, EDGAR. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro.* São Paulo, Editora Cortez; Brasília, Unesco, 2001.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)